


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

GABRIELA NATALIA DA SILVA

**PROSTITUIÇÃO, CORPO E ANÁLISE DO
DISCURSO: A VIDA E O MUNDO DAS
PROSTITUTAS DE LUXO.**



ARARAQUARA – SP
2018

GABRIELA NATALIA DA SILVA

**PROSTITUIÇÃO, CORPO E ANÁLISE DO
DISCURSO: A VIDA E O MUNDO DAS
PROSTITUTAS DE LUXO.**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

ARARAQUARA – SP
2018

Silva, Gabriela Natalia da
Prostituição, Corpo e Análise do Discurso: a Vida
e o Mundo das Prostitutas de Luxo / Gabriela Natalia
da Silva – 2018
114 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)
Orientador: Luci Regina Muzzeti

1. Prostituição de Luxo. 2. Puta. 3. Sexo. 4. Análise
do Discurso. 5. Michel Foucault. I. Título.

GABRIELA NATALIA DA SILVA

PROSTITUIÇÃO, CORPO E ANÁLISE DO DISCURSO: A VIDA E O MUNDO DAS PROSTITUTAS DE LUXO.

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e Educação Sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

Data da Defesa: 28/02/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Valéria Cristina Gimenes Prado
EDUCAE /Ribeirão Preto.

Membro Titular: Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

ARARAQUARA – SP

2018

À minha avó, por tudo o que ela me
ensinou.

AGRADECIMENTOS

Acredito que tudo o que vivi me trouxe para este momento e sou grata a todos aqueles que fizeram parte da minha história. Entretanto, gostaria de registrar minha gratidão àqueles que estiveram mais próximos nesses dois anos e meio de mestrado.

À Luci, minha orientadora, pelas orientações valiosas, pela gentileza, calma e sorriso com que sempre me recebeu.

À Valéria Prado, Andreza Leão e Maria Regina Momesso pela presença em minha banca e pelas sugestões.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp, que possibilitaram o vislumbre de novas possibilidades e que contribuíram imensamente para minha pesquisa. Em especial, à Claudia Prioste e Luiz Nabuco, por trazerem o rico olhar da psicanálise; ao Paulo Rennes e Andreza Leão, cuja disciplina Fundamentos da Educação Sexual foi de grande importância. Agradeço ainda às professoras Denise Margonari, pelo bom humor das aulas e também à Maria Regina Momesso, pelo carinho, gentileza e competência.

Às participantes da pesquisa, pela generosidade de dividir comigo histórias tão íntimas.

À May Medeiros, por ter me dado dicas valiosas.

Ao Gerald, por acordar junto comigo às 4:00 da manhã para preparar o melhor café da manhã do mundo e me levar para a rodoviária em outra cidade, quando eu estava cursando as disciplinas. Por me dizer todos os dias que eu consigo chegar lá, por encher a minha vida de amor.

À Carol e Bisi, por me atulharem de perguntas sobre o mestrado e cuja perspicácia sempre me ensina algo novo. Pelo amor que muda tudo.

À minha avó (*in memoriam*), que me recebia sempre com aquele sorriso de satisfação de quem vai entupir a neta de amor e guloseimas. Sinto a sua falta todos os dias.

Ao meu avô, que se tornou um tagarela fofo e gentil.

Ao meu irmão, por sempre me colocar para cima, pela energia positiva e por ser o garoto mais bondoso que eu conheço.

À Jessica, minha cunhada, por dividir comigo as agruras do mestrado.

À minha mãe, que foi feita mais de atos do que palavras. Exemplo de determinação e dedicação que me inspirou a chegar até aqui.

À minha tia Ana, que sempre me recebe com abraço apertado, é amiga mais do que tia e faz as minhas comidinhas preferidas quando passo por lá.

À prima Vitória, que é muito amorosa para uma adolescente e sempre se diverte comigo.

À Ivonetinha, que é também minha família e cuida de mim com tanto amor todos os dias.

À Lari, minha amiga querida, que compartilhou meu desespero de fazer o mestrado. Sensível, amorosa e divertida.

À Ana Fernandes e Suilly, amigas desde a graduação, sempre preocupadas, carinhosas e generosas.

À Silvanie, meu ombro amigo, salvação e orientação. O jeitinho meigo que ela insiste em disfarçar.

À Paulinha Argenti, com quem me diverti durante as aulas, um amorzinho de pessoa.

À Jacque e ao Gui, cuja delicadeza e dedicação à nossa amizade são de grande valor para mim.

À Ray e ao Victor, amigos queridos, compreensivos e positivos. Foram parte essencial do percurso.

À Lylian Tsai, minha professora de pilotagem, que quando dizia “Olha pra onde você quer ir e vai” provavelmente não imaginou que isso seria útil nos momentos de desespero do mestrado.

Por fim, agradeço ao Cookie, Danny, Rio, Baleia, Bato, Malévola, Candy, Bibi e Harley, cujas patas fofinhas e barrigas quentinhas trouxeram alento e carinho todos os dias.

*Não lamentos, ó Nize, o teu estado;
Putas tem sido muita gente boa;
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas teem reinado:*

*Dido foi puta, e puta d'um soldado;
Cleopatra por puta alcança a c'roa;
Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,
O teu conno não passa por honrado:*

*Essa da Russia imperatriz famosa,
Que inda ha pouco morreu (diz a
Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa:*

*Todas no mundo dão a sua greta:
Não fiques pois, ó Nize, duvidosa
Que isso de virgo e honra é tudo
peta.¹*

¹ Soneto de todas as putas de autoria de Manuel Maria Barbosa Du Bocage.

RESUMO

Esta pesquisa origina-se de indagações presentes tanto na vivência quanto na observação da pesquisadora em relação à prostituição de luxo. Compreende-se que, na abordagem dos temas prostituição, sexo ou sexualidade, é inevitável deparar-se com preconceitos e visões enrijecidas, pois o “sexo é o grande problema, é o grande interdito das pessoas”, sendo controlado, legitimado ou negado por meio da materialização do corpo da prostituta. Portanto, no que tange à prostituição, os enunciados presentes na história demonstram a prostituta em um papel que ora assume um caráter libertário, ora pejorativo e pecaminoso. Isto posto, essa pesquisa se propôs a analisar a construção e a subjetivação da identidade da prostituta, buscou-se compreender com as putas são percebidas historicamente e como as próprias putas constroem sua subjetividade, seu *modus operandi*, imerso a relações de saber e poder com base na teoria da Análise do Discurso (AD) de Michel Foucault. Para tal, elaborou-se uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, onde entrevistou-se 5 prostitutas de luxo que atendem na cidade de São Paulo e Zona Metropolitana. As entrevistas foram realizadas em uma sala comercial no Centro da cidade de São Paulo. E os dados foram compilados em duas categorias de análise, denominadas respectivamente: as relações de saber e relações de poder. Como resultados da pesquisa, notam-se que os ditos sobre a prostituta são construções que visam o controle desses corpos, com a finalidade de produzir o que Foucault denominou de “corpos doces”, dentro da perspectiva da governamentalidade proposta por esse autor. As participantes de forma geral relataram a prostituição como possibilidade de liberdade sexual, ao passo que sua vivência também é controlada por diversos enunciados que produzem sentimentos de culpabilização, atrelados aos discursos de controle social. Ressalta-se, que nos jogos de poder e saber, a existência do discurso sobre o sujeito não é determinante para sua criação, antes é necessário que o próprio sujeito se identifique no discurso. Portanto, esta pesquisa buscou dar voz à Puta, revelando os sentimentos e os discursos que perpassam a vivência de sua atividade.

Palavras – chave: Prostituição de Luxo, Puta, Sexo, Análise do Discurso, Michel Foucault.

ABSTRACT

This research originates from questions present in both the experience and the observation of the researcher in relation to luxury prostitution. It is understood that, in dealing with the issues of prostitution, sex or sexuality, it is inevitable to encounter prejudices and stiffened visions, since "sex is the big problem, it is the great ban of people", being controlled, legitimized or denied by through the materialization of the body of the prostitute. Therefore, as far as prostitution is concerned, the present statements in history demonstrate the prostitute in a role that now assumes a libertarian, sometimes pejorative and sinful character. This put, this research set out to analyze the construction and subjectivation of the identity of the prostitute, sought to understand with the whores are perceived historically and how the whores themselves construct their subjectivity, its modus operandi, immersed to relations of knowledge and power with based on Michel Foucault's theory of Discourse Analysis (AD). For that, a field research of qualitative nature was elaborated, where 5 prostitutes of luxury were interviewed that attend in the city of São Paulo and Metropolitan Area. The interviews were conducted in a commercial room in the city center of São Paulo. And the data were compiled into two categories of analysis, referred to respectively: the relations of knowledge and relations of power. As results of the research, it is noticed that the sayings about the prostitute are constructions that aim at the control of these bodies, with the purpose of producing what Foucault called "sweet bodies", within the perspective of the governmentality proposed by this author. The participants generally reported prostitution as a possibility of sexual freedom, while their experience is also controlled by several statements that produce feelings of guilt, linked to discourses of social control. It is emphasized that in the games of power and knowledge, the existence of the discourse on the subject is not determinant for its creation, but it is necessary that the subject itself identify itself in the discourse. Therefore, this research sought to give voice to the Prostitute, revealing the feelings and the speeches that perpass the experience of its activity.

Keywords: Luxury Prostitution, Prostitute, Sex, Speech Analysis, Michel Foucault.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Apresentação da Autora..... | 13 |
| 1. Considerações Iniciais | 15 |
| 2. Ensaio Genealógico acerca da Prostituição | 19 |
| 2.1. A História da Prostituição I – da benção a maldição: a sexualidade nos povos primitivos..... | 22 |
| 2.2. A História da Prostituição Ii – do prazer ao pecado: o sexo dos Gregos aos Romanos..... | 27 |
| 2.3. A História da Prostituição Iii – da fogueira santa a interdição jurídica | 32 |
| 2.4. A História da Prostituição Iv – as Putas de Luxo | 40 |
| 2.5. A História da Prostituição V – os discursos acerca da prostituição..... | 49 |
| 2.5.1. A Biopolítica e as relações de controle da vida e dos corpos..... | 52 |
| 3. Metodologia | 62 |
| 3.1. A Escolha do Método de Pesquisa | 62 |
| 3.2. A Escolha das Participantes..... | 63 |
| 3.3. Local de Coleta de Dados | 64 |
| 3.4. Instrumentos Utilizados | 64 |
| 3.5. Procedimentos de Análise de Dados..... | 65 |
| 4. Apresentação dos Resultados e Discussões..... | 67 |
| 4.1. O Processo de subjetivação na identidade da Puta..... | 68 |
| 4.1.1. A Governamentalidade na construção do corpo da Puta..... | 72 |

| | |
|--|------------|
| 4.2. Condicionantes para entrada e permanência na Prostituição | 80 |
| 4.2.1. E o Prazer nosso de cada dia? | 90 |
| 4.3. As Dificuldades “Inerentes” a ocupação: relacionamentos amorosos | 93 |
| Considerações Finais | 99 |
| Referências..... | 102 |
| Apêndices | 108 |
| Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 109 |
| Apêndice B – Questionario Socioeconomico..... | 112 |
| Apêndice C – Roteiro de Entrevista | 114 |

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

O interesse pelo universo das *putas* – termo que utilizo referenciando Gabriela Leite, que lutou incansavelmente por nossos direitos – surgiu ainda no curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A descoberta do tema surgiu paulatinamente, enquanto eu me embrenhava pelos autores e ia além das matérias que compunham a grade disciplinar. Livros como *Amar, Verbo Intransitivo*, de Mario de Andrade, *A bela da tarde*, de Joseph Kessel, *A dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, dentre outros, fizeram com que as histórias dessas “professoras da arte de amar” ecoassem em minha mente e em meu corpo por muito tempo, até culminar em minha decisão por me tornar, eu mesma, uma cortesã.

Assim surgiu, no último ano da graduação, em 2012, o blog que criei para narrar minhas vivências no campo da prostituição. Descoberta pela mídia no mesmo ano fui pauta de muitas matérias em jornais, revistas e televisão. O interesse por Lola Benvenuti – persona inspirada em Lolita, de Vladimir Nobokov – rendeu a publicação de meu primeiro livro “O prazer é todo nosso”, em 2014, composto de contos que retratam algumas das minhas experimentações pelo universo do sexo pago.

Com o sucesso do livro e minha entrada mais efetiva na mídia, fui convidada a ministrar workshops e palestras para mulheres que buscavam conhecer seus corpos e encontrar prazer. Essas atividades midiáticas culminaram no lançamento do segundo livro, no ano de 2017, “Por que os homens me procuram?”. Foi mais ou menos nesse período que decidi deixar a profissão, me tornando “puta aposentada”². Entretanto, senti na pele que tendo desempenhado esse trabalho, não importa a atividade que irei desempenhar posteriormente, sempre serei vista como puta, o que significa conviver com o estigma que

² Utilizo a terminologia como forma de empoderamento, pois na minha percepção ser puta é uma profissão tão

essa atuação carrega. Essa marca acompanha por muito tempo àquelas que se dedicaram à profissão, fazendo com que sua valorização enquanto ser humano esteja atrelado a algo repulsivo para a sociedade.

Atuei como puta por aproximadamente 3 anos, tendo considerado a experiência suficiente e desejando, a partir dessa vivência, outros desafios – afinal, como nos lembra do magnífico Guimarães Rosa: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” – tenho buscado responder outras inquietações que essa atividade me traz. Achei pertinente buscar na teoria o que eu havia vivido na prática, tentando observar de que modo a representação estigmatizada dessas mulheres afeta sua existência. Foi então que adentrei no programa de Pós-graduação em Educação Sexual, a fim de encontrar respostas às perguntas que ainda estão presentes.

Desta maneira, acredito que a percepção de uma pesquisadora que tenha, ela mesma, vivido as experimentações de seu objeto de estudo, pode contribuir com um olhar atento, sensível e coerente a respeito da vida dessas mulheres, principalmente no sentido de não reproduzir visões moralistas e degradantes tanto sobre a prostituição quanto sobre as próprias putas.

1. Considerações Iniciais

A permanência e a importância atribuídas à prostituição ao longo da história da humanidade mostram a existência de um discurso que enquadra a prostituição como um “mal necessário” (cf. Simmel, 2001), sendo vista constantemente de forma degradante e marginalizada. A partir desse discurso, as prostitutas, ainda que sejam consideradas indispensáveis, vêm sendo ignoradas, vitimizadas e subjugadas durante séculos, pela religião, pela mídia, pelos movimentos sociais, pela sociedade da qual também fazem parte e que designam direta ou indiretamente os ambientes nos quais podem circular. Fazendo uma rápida retrospectiva, é possível perceber como o papel social da prostitua modificou-se em diferentes épocas, mas que, quase sempre, permanece marcado por negativismo e submissão.

Na Grécia Antiga, assim como em outras sociedades, existiam as Prostitutas Sagradas, uma das classes de prostitutas vistas como encarnações da Deusa (Qualls-Corbett, 1990, p. 42), entidade feminina cultuada intensamente por sua associação à cultura, religião e fertilidade. O sexo nessa sociedade era sagrado e os pagamentos *post coitum* eram revertidos para o templo, numa relação de devoção e respeito (Freitas, 1966, p. 9).

Nesse contexto, as mulheres que eram remuneradas pelo ato sexual não eram vistas como desonradas e sujas, mas como seres abençoados, sacralizados. Essa realidade começa a mudar por volta de 3.000 a.C., quando ocorre a transição da sociedade matriarcal para a patriarcal e a Prostituição Sagrada dá lugar aos prostíbulos instituídos por Sólon, que geravam riqueza para o Estado às custas de mulheres escravizadas. O sexo havia se tornado um negócio estatal e esse princípio permanece até a primeira metade da Idade Média, quando o clero, além de se entreter com essas mulheres, também lucrava com os bordeis (Roberts, 1998).

Na Idade Média, com a noção de sexo relacionado ao pecado, instituída pela Igreja, a prostituição, apesar de praticada por mulheres que eram consideradas impuras pela sociedade, era considerada essencial para manter a pureza e a honra das filhas e esposas - consideradas honestas e fiéis, servindo como meio de extravasar os desejos sexuais masculinos reprimidos pela religião (cf. Roberts, 1998). Entretanto, essa realidade altera-se drasticamente durante a Inquisição, com a crueldade instaurada contra as prostitutas e a dicotomia acirrada acerca da mulher santa e da mulher impura, considerada perigosa e responsável pelo desvio da sociedade, o que justificava sua condenação ao inferno.

Na Idade Moderna, período de transição do sistema feudal para o capitalista, a burguesia assumiu o controle dos bordéis e a figura masculina definiu os espaços a serem frequentados pelas mulheres conhecidas corriqueiramente como “de família”, enquanto as prostitutas, ainda que hostilizadas, banidas do convívio social e sendo um dos principais alvos da Reforma Protestante, eram, além de culpabilizadas por doenças, encaradas como uma via de descarga do prazer.

No Brasil, a crença do colonizador, marcada pelo primitivismo e conservadorismo religioso, imprimiu forte repressão aos hábitos sexuais dos indígenas, que eram vistos como desvios da fé, ousadas que conduziriam todos ao inferno. Essa maneira de encarar a sexualidade reverberou na sociedade continuamente, refletindo-se na época considerada o apogeu da prostituição no Brasil: *a Belle Époque*.

A *Belle Époque* é o período histórico em que se tem forte influência dos modelos urbanos, culturais, científicos e dos costumes da Europa como todo. No Brasil, é marcado pelo período de dissociação em relação a visão escravista do seu passado. De acordo com Oliveira (2009, p. 70) “Ao adotar os modelos de urbanização europeus, pretendia-se aproximar a cidade das principais capitais europeias, centros difusores da cultura da *Belle Époque*, eliminando, ao mesmo tempo, todo traço colonial que a lembrasse de seu passado”.

Na *Belle Epoque* enquanto a mulher, a esposa, a dona de casa era constantemente vigiada, considerada ociosa, preocupada com frivolidades (Rago, 1991; Perrot, 1998) e coibida de sentir prazer, as prostitutas francesas renovavam os cabarés e seriam responsáveis por ensinar as artes do amor, aqui entendido como relação sexual, aos burgueses necessitados do preparo para o casamento (Rago, 1985; Rebolho, 2007). Ao longo da história a prostituta vai adquirindo novos discursos que lhes atribuíam o lugar de pecadora na Moral Cristã, impura dentro da visão da sociedade ocidental. Com a influência dessas subjetivações sociais, impunha-se às prostitutas um julgamento de culpa em razão da relação comercial estabelecida entre sexo e dinheiro (ou ainda, por fazerem do ato sexual moeda de troca).

A sociedade ocidental, ao longo da história, tem apontando as prostitutas como mulheres que envergonham as suas famílias, como “sujas”, “corrompidas” e “atrevidas”. Rago (1991) cita o médico F. Ferraz de Macedo, que se refere à prostituição no Rio de Janeiro (do século XX, anos 20) como fruto da ociosidade, preguiça, desejo desmesurado de prazer, do amor ao luxo, miséria financeira, desprezo pela religião, falta de educação moral e do temperamento erótico da mulher.

Segundo Rago (2008, p. 23) “construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina – recoberta por imagens e metáforas assustadoras”. É justamente esse conteúdo, de cunho valorativo e apreciado, construído pelo discurso do opressor masculino, a partir da ótica do outro, que contribui para que as prostitutas continuem vivendo marginalizadas e recriminadas pela sociedade, ao mesmo tempo em que o número de meretrizes aumenta exponencialmente.³.

Com base nessas afirmações e a Análise do Discurso (AD) entende-se que o processo de subjetivação da identidade da prostituta relacionada a algo degradante é baseada em

³A Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC) estima que o Brasil tenha cerca de 1,5 milhões de

discursos que se perpetuam e reformulam em uma sociedade que historicamente silencia a sexualidade feminina. Portanto, este trabalho teve como objetivo analisar os discursos/enunciados sobre as prostitutas, buscando-se compreender com as putas são percebidas historicamente e como as próprias putas constroem sua subjetividade, sua forma de ser impregnadas por relações de saber e poder, com base na teoria da Análise do Discurso de Michel Foucault.

peças – homens e mulheres – que vivem em situação de prostituição; no mundo, são mais de 40 milhões segundo a fundação francesa Scelles.

2. Ensaio Genealógico acerca da Prostituição

Para entender melhor os conceitos que essa pesquisa busca investigar, é necessário entender a que se referem os termos: prostituta, prostituir se, e prazer. Para Aulete (1974, p. 2969) a *prostituta* é “mulher pública, meretriz”, por *prostituição*, “vida de devassidão, de impudícia, ação de vergonhosa condescendência, de vergonhoso servilismo” e por *prostituir* “entregar à vida de devassidão, tornar devasso, corromper, desmoralizar, aviltar-se, desonrar-se, descer no nível moral, rebaixar-se”.

Ferreira (2010, p. 618), define *prostituta* como “mulher que pratica o ato sexual por dinheiro” *prostituir* como “tornar (-se) prostituta ou prostituto, degradar (-se); aviltar (-se); Houaiss (2010, p. 635), traz a seguinte definição para *prostituta* “mulher que ganha dinheiro para manter relações sexuais, meretriz” e *prostituir* como “entregar-se ou manter relações sexuais em troca de dinheiro; rebaixar (-se) moralmente; degradar (-se); corromper (-se).

Autores como Ferreira (2010, p. 212) relatam que vários sentimentos perpassam a vivência da prostituição, sendo um dos mais presentes a *culpa*, como verificamos abaixo:

“ação negligente ou imprudente ou danosa a outrem; falta voluntária contra a moral, princípio ético, preceito religioso ou lei; responsabilidade por ou omissão prejudicial, reprovável ou criminosa, mas não intencional; sentimento de pesar, angústia e, por vezes, vergonha de quem se sente culpado por algo ruim.

Já Houaiss (2010, p. 213) entende por *culpa* “responsabilidade por dano causado a outrem; falta, delito; fato de que resulta um outro fato ruim”. Prazer, para Houaiss (2010, p. 619) é “causar prazer a ou sentir prazer; deleitar (-se), sensação agradável oriunda da satisfação de um desejo; alegria, contentamento; boa vontade, agrado; satisfação sexual;

gozo.” Enquanto Ferreira (2010, p. 604) fala de *prazer* como “causar satisfação; agradar, aprazer; sentimento de alegria, de satisfação; aquilo que provoca prazer.”

A fala de diversos estudiosos⁴ sobre o assunto revela a heterogeneidade de discursos sobre o tema. Existem alguns discursos muito fortes sobre a culpa em torno da profissão de prostituta. Podemos escolher dois para nos aprofundarmos: a culpa moralista e a culpa ‘não consciência’.

Como exemplos da culpa moralista, podemos citar alguns autores cujos estudos sobre prostituição têm evocado discursos estereotípicos e negativos. Bacelar (1982), por exemplo, pesquisou prostitutas no bairro de Maciel, em Salvador/BA, atentando-se para suas famílias e seu ambiente de trabalho. Concluiu que elas eram tristes, muito pobres e atuavam como prostitutas para sobreviverem. Freitas (1985) analisou a prostituição ocorria na cidade de Belo Horizonte/MG, entrevistando prostitutas e demais participantes deste cenário, percebeu que frequentemente a prostituta é associada à imagem de mulheres solitárias, carentes e isoladas.

Além dos artigos e pesquisas sobre o assunto, vale observar a constante representação das prostitutas pela mídia⁵, onde frequentemente são retratadas numa visam de cunho moralista e dramático, o que desfoca, muitas vezes, a realidade⁶. Outro exemplo dessa imagem midiática podemos citar o programa televisivo Profissão Repórter, que em maio de 2005 abordou a vida de três prostitutas: Luana, travesti da Lapa, no Rio de Janeiro, Mariá, “acompanhante de luxo” paulistana e Ana Paula, prostituta “de zona” do sertão do Ceará.

Enquanto o universo em relação à Luana e Ana Paula é rodeado por violência, drogas e um esforço em mostrar a degradação, a relação com Mariá é diferente, nada nas imagens

⁴ Mazzariol (1976), Perlonguer (1987), Freitas (1985), Gaspar (1984), Ariele (1989), Morais (1995).

⁵ Televisiva, jornalística e internet.

⁶ Entrevista durante a gravação do documentário “Um beijo para Gabriela”, em 2013.

remete à pobreza ou necessidades econômicas. Ela narra suas vivências sem qualquer tom de vitimização ou lamúria e mostra divertir-se com a situação, surpreendendo a própria jornalista com o fato de que Mariá é contratada também apenas para jantar com um cliente. Essa reação “marca a irreduzível centralização da imaginação no sexo (coito) como atividade excludente na prostituição” (Beleli, 2011, p. 507).

Mesmo no caso de Ana Paula, prostituta “de zona” e, portanto, pelo julgamento dos entrevistadores, mais “sofrida” que Mariá, embora ela apareça sempre sorridente e fale com gosto sobre sua profissão, há um esforço desmedido em agregar um tom dramático à narrativa, evocando sua gravidez, os possíveis clientes violentos (que em nenhum momento aparecem), drogas e a precariedade do local.

Como exemplo da culpa não-consciência, podemos citar os discursos de alguns estudos feministas. A culpa não-consciência é a culpa da não-liberdade e a não consciência de que faz parte de uma engrenagem patriarcal e capitalista. Não raro, essas falas vêm acompanhadas da visão da prostituição relacionada a abuso, estupro, tráfico de mulheres e drogas.

Em evento organizado durante a Marcha Mundial das Mulheres, em 2010, a “opressão” das mulheres foi diretamente associada à mercantilização do corpo. Nesse contexto, a submissão feminina fica evidente, em se tratando de sanar a demanda sexual masculina. Segundo as militantes participantes, a máxima defendida por elas de que “nosso corpo nos pertence”, é convertido em objetificação, comercialização, pelas prostitutas: “meu corpo é meu negócio”.

A prostituição como consequência do mundo capitalista é vista de maneira negativa pela cientista política Pateman (1993, p. 299), que afirma que é um cliente masculino que participa do contrato da prostituição e não um patrão. Esse está interessado no lucro, o outro

na prostituta e seu corpo. “Ter corpos à venda no mercado, enquanto corpos, é muito parecido com a escravidão”.

Incorporar a ideia de que habitamos uma sociedade machista e buscar nesse contexto as respostas para esse e outros questionamentos é uma maneira rasa de interpretar essas questões. É imprescindível que penetremos nos espaços de rejeição, entendendo o que cada período considerava como rejeitável e, desse modo, procurando por esses aspectos, poderemos, quem sabe, desnaturalizar valores e desconstruir pré-conceitos, não os aceitando como naturais e biológicos (Couto, 2011)

Levando em consideração a fragmentação da modernidade, que envolve um sujeito igualmente fragmentado, imerso em um processo social e cuja pluralidade de saberes e modos de existir acabam por constituí-lo de maneira complexa, é preciso considerar a característica interdiscursiva intrínseca ao discurso. Assim, convém falar do discurso como locus de disputa, como espaço de saber e poder, como é discutido por Foucault.

Nesse sentido, analisar a prostituição por meio do discurso das prostitutas, considerando a questão da sexualidade e discutindo suas implicações para o modo de viver, ser e agir do sujeito apresenta-se como uma possibilidade de trazer à tona não apenas os discursos dessas mulheres, mas a maneira como elas se inserem nessa disputa e principalmente descrever como os discursos moralistas da religião cristã, da família, da mídia e da própria prostituta influencia no processo de subjetivação de sua identidade.

2.1. A História da Prostituição I – da benção a maldição: a sexualidade nos povos primitivos.

Segundo Foucault (1988 citado por Araújo, 2002), a sexualidade é uma construção social que engloba o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas

relações sociais, impregnada de valores morais e submetida a dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda, influenciando diretamente os comportamentos sócio individuais.

Desta forma, pode-se afirmar que a sexualidade é um dispositivo que está sempre congruente com as crenças e verdades de uma sociedade de determinada época, com o objetivo de produzir formas, materialidades, subjetividades, corpos e sujeitos que venham a ocupar um lugar de poder ou de dominação. Foucault (2010) também afirma que o poder não é algo fixo ou físico, é movimento, construção. Logo não há relação de permanência dos lugares de poder e de dominação, todos podem ocupar ambos os lugares, basta que para isso se reformulem novos discursos de saber e poder.

Utilizando-se dessa visão foucaultiana é possível afirmar que, assim como a expressão da sexualidade da mulher sofreu alterações dentro da história, o ato sexual com finalidade de troca comercial, comumente denominado de prostituição e a própria imagem da mulher que realiza – prostituta, também sofreram modificações em seus significados.

Sendo assim, sobre os primeiros relatos dessas mulheres denominadas prostitutas, Roberts (1988) e Rebolho (2015) mencionam a existência das chamadas Prostitutas Sagradas no Período Primitivo. As autoras pontuam a existência da Prostituta Sagrada relacionada a um tipo de ritual sexual tradicional que existiu desde a Idade da Pedra e foi sendo incorporado às primeiras civilizações do mundo com seu conceito e práxis ressignificados, até chegar ao que hoje chamamos de prostituição.

Ainda de acordo com essa visão, acredita-se que no período paleolítico, a mulher era associada à Grande Deusa, força geradora de vida, centro das atividades sociais. Vistas como encarnações da Deusa, as mulheres criavam um elo entre a comunidade e a divindade,

tornando-se sacerdotisas xamânicas. Estas conduziam rituais de sexo grupal com toda a comunidade como uma maneira de promover a união e de celebrar a vida (Roberts, 1988).

Outras pesquisas relatam que o período de adoração a deusa perdurou 25.000 anos e durante todo esse tempo a sexualidade da mulher era tida como divina, detentora da prosperidade, como relata na passagem “provinham os alimentos, as vestes, aos utensílios que eram utilizados para a caça e a pesca, bem como os remédios para o corpo e para a alma. Detinham a mais poderosa energia universal, que seria a geração de outro ser” (Prado, 2016, p.18).

Já nas culturas gravettianas e aurignacianas do período Paleolítico, evidenciam a posição central das mulheres. Nesse período, as esculturas e gravuras são representações das formas femininas, pois a mulher é vista como representação viva da Deusa, que eles entediam como sendo uma força geradora universal. A representação vai além da simbologia da fertilidade ou maternidade. Essas figuras eram adoradas pelos homens pré-históricos e simbolizavam um princípio ontológico muito maior, expressando a energia ou força que animava todo o universo e a natureza (Roberts, 1998).

Seguindo essa ideia, com a passagem do período Paleolítico para o Neolítico, do nomadismo para o sedentarismo, foram surgindo organizações, templos e pequenas cidades onde as mulheres sacerdotisas continuavam a praticar seus rituais com práticas sexuais, pois era através do ato sexual que os adoradores tinham acesso ao poder da Deusa (Roberts, 1998, Rebolho, 2015).

Essa perspectiva muda em consonância com a visão de mundo, haja vista que nesse momento histórico a busca por se estabelecer em um único território faz com que a virilidade masculina passe a ser valorizada e, conseqüentemente, abre espaço para o protagonismo do poder masculino de força e dominação, que culminou em novas formas de relacionamento.

Incluindo formas específicas de controlar a sexualidade das mulheres, visando identificar e determinar com precisão a paternidade de qualquer criança.

Prado (2016, p. 18) ao citar Roberts (1998, p. 22) relata que a invasão dos territórios matriarcais culminou

“[...] as culturas da deusa, amantes da paz, não puderam se desenvolver tranquilamente”. Foi por volta de 3000 a.C que tribos nômades de guerreiros, dominadas por homens, agora já contendo consciência do papel masculino na procriação da espécie e também para o desempenho econômico na criação de gado “[...] começaram a invadir os territórios matriarcais, finalmente subjugando os povos da deusa e sujeitando-os ao poder do masculino”.

É a partir desse momento que as civilizações como Egito e Mesopotâmia passam a nomear sacerdotes masculinos, a institucionalizar a religião e a ter mais controle sobre os cultos⁷. Apesar da mudança de perspectiva religiosa, ainda se cultuava a Deusa - ainda que em menor proporção - nos templos e através dos rituais sexuais. No entanto, é nesse processo que as sacerdotisas vão se tornando sacerdotisas de templos, e concomitantemente, mulheres sagradas e prostitutas. Segundo Roberts (1988), é nesse período, segundo milênio a.C, quando surgem as primeiras prostitutas da história.

É perceptível nesse contexto o deslocamento do poder do gênero feminino para o masculino. Com a conquista dos povos e submissão do gênero feminino esta sociedade criou deuses para competir e dirimir o poder da deusa. Nesse sentido, progressivamente passou-se a cultuar deuses masculinizados e a direcionar as relações para uma sociedade economicamente e politicamente organizada de maneira patriarcal (Prado, 2016; Roberts, 1998).

⁷ Vide Prado (2016);

Nesse ponto, quando começa a ocorrer o deslocamento do poder das mulheres para os homens e a sociedade passa a ser hierárquica, as distinções também se veem refletidas no mundo sagrado das sacerdotisas do templo, onde, através do compromisso com o novo regime patriarcal, um escalão de prostitutas da classe alta se desenvolve e consegue manter parte dos antigos poderes e privilégios (Roberts, 1988).

Na Babilônia (aproximadamente 2400 a.C), as prostitutas-sacerdotisas detinham elevado poder, transcendendo o campo das atividades sexuais. Existiam duas qualidades de sacerdotisas, as *entu* e as *naditu*. As primeiras tinham poderes e privilégios em pé de igualdade com os sacerdotes homens, enquanto as *naditu* eram mulheres nobres que, em troca de atividades no templo, conquistaram privilégios como sacerdotisas. (Roberts, 1988, p. 26; Rebolho, 2015).

Outros artigos demonstram a existência de várias crenças onde sexo e religião se misturam, por exemplo, o culto a deusa Inanna/Ishtar que governava o sexo com vistas à reprodução, ao prazer e como forma de conhecimento e encontro com o divino; sendo assim, o sexo era tido como religioso e sagrado (Dupla, 2016). Vênus, também deusa da fertilidade, era cultuada em vários países da Europa, inclusive nas regiões dos Montes Urais e do Lago Baical.

Afrodite, deusa grega, também passava por um culto ao prazer do amor, aceitando, inclusive, a prostituição, desde que feita como uma maneira de cultuar a deusa Afrodite ou como ato de sacrifício em prol de algo maior que o ato sexual em si. Por exemplo, se pela prostituição (não-depravação) as donzelas conseguissem obter o seu dote para promover o casamento e, deste dote, parte fosse revertida à deusa como oferenda (Ullmann, 2005).

O filósofo Ullmann (2005) nos conta que entre os babilônios havia o costume de, ao menos uma vez na vida, toda mulher babilônia sentar-se no templo de Afrodite e esperar que algum estrangeiro a escolhesse para copular em troca de dinheiro. Esse dinheiro era

considerado sagrado e parte dele deveria ser entregue como oferenda à Afrodite. Após o intercuro sexual, a mulher deveria voltar aos seus hábitos caseiros normais. Muitas ficavam anos a espera de serem escolhidas

Por fim, voltando aos primórdios da civilização, acredita-se que embora não haja vasta literatura ou dados arqueológicos, é possível reconhecer símbolos de fertilidade em pinturas na cerâmica ou em figuras talhadas em pedras, barro, e bronze os costumes desse período histórico. O símbolo mais corriqueiro nessas expressões artísticas e documentais é a figura feminina, representada boa parte das vezes como mãe ou mulher grávida. No entanto, a figura masculina também aparece associada à fertilidade. A imagem do falo é recorrente em pinturas e esculturas, geralmente representado num tamanho muito maior que o real; eram, portanto, considerados sagrados (Ullmann, 2005).

2.2. A História da Prostituição II – do Prazer ao Pecado: o sexo dos gregos aos romanos.

Durante toda a Idade Antiga, a mulher ocupou papel secundário em relação aos homens. Havia algumas diferenças entre uma Cidade Estado Gregas e outra acerca do papel da mulher na sociedade. Em Esparta, por exemplo, a mulher recebia uma educação atlética e isso a aproximava das qualidades e atividades masculinas, mas, de modo geral, em outras localidades eram condenadas à submissão e à obediência. Em Atenas, a mulher de bem pertencia sempre a algum homem, seja o pai, quando solteira, seja ao marido, filhos ou tutor, quando casada.

Os direitos políticos e sociais eram extremamente diferentes para homens e mulheres. As mulheres não eram consideradas cidadãs, portanto, ocupavam um papel de inferioridade social em relação aos homens, tendo menos direitos e atividades sociais restritas à vida

domiciliar. Embora a educação fosse voltada para afazeres domésticos, às mulheres da aristocracia também lhes era ensinado a arte de ler.

Nas classes sociais mais baixas, havia uma autonomia social maior, possivelmente porque precisavam gerar renda, sobreviver. Nesta camada social, a prostituição feminina era mais recorrente. Muitas ficavam em portos à espera dos navios e de marinheiros, e aceitavam como pagamento desde as dracmas (moedas) até objetos, mimos ou outros serviços. Muitas eram apenas filhas de famílias pobres que tinham por hábito alugá-las para, com isso, ajudar na renda familiar. Para uma mulher ser considerada prostituta, dependia em muito da quantidade de parceiros com os quais mantinha relação sexual e a duração desse relacionamento com cada um.

Ainda no mundo grego, percebe-se que existia um tipo de hierarquia social na prostituição. Havia as prostitutas de origem mais humilde, que não frequentavam os mesmos locais que as chamadas *hetairas*, que eram mulheres com estudo e qualidades artísticas, muitas vezes estrangeiras. Participavam de festas e reuniões culturais, gozavam de liberdade de opinião dentro dos espaços fechados em que homens e hetairas se reuniam para divertimento. Eram vistas como parceiras, com quem os homens podiam manter relações amorosas fora do casamento ou quem eles podiam desposar sem compromisso afetivo (Ullmann, 2005).

A denominação *hetaira* foi utilizada pela primeira vez na Grécia, e se referia literalmente a “companheira dos homens”. Autores (Prado, 2016; Rebolho, 2015; Vrissimtzis, 2002; Roberts, 1998, Murphy, 1994; Gregersen, 1983) relatam que as *hetairas* eram reconhecidas como prostitutas menos estereotipadas em relação a prostituição vivenciada por mulheres escravas.

É necessário frisar que a percepção das *hetairas* como prostitutas só é possível na medida que se considera o novo modelo de organização política em expansão, o patriarcado.

Pois é nesse novo modelo político que a sexualidade da mulher passa a ser controlada e silenciada, diferente da maneira vivenciada no modelo matriarcal, existente antes da dominação masculina (Prado, 2016; Roberts 1998).

Seguindo as explicitações de Ullmann (2005), para as mulheres gregas a vida era repleta de estigmatizações e relações de controle enquanto que para homens havia maior liberdade sexual. Retrato dessa afirmação é perceptível na constituição social da vida grega. A sexualidade da mulher passa a ser negada de modo que toda a ideia de bem e de mal estava centrada na filosofia do direito individual (lesão) e diante das leis do Estado (comunidade), não havendo tabus contra masturbação, contra o coito em si ou contra práticas homossexuais, desde que essas fossem realizadas por pessoas do gênero masculino. Tudo era considerado saudável e parte integrante da sexualidade, entre os homens.

Já em Roma, a grande expansão urbana favoreceu o crescimento da prostituição e o trabalho das mulheres fora do seio doméstico. Muito embora as mulheres também fossem consideradas inferiores aos homens, a liberdade sexual era estampada nos objetos do cotidiano, utilizados por toda família.

Uma questão interessante presente no Império Romano é a definição da prostituta. Uma mulher que mantivesse relações sexuais com muitas pessoas não poderia ser considerada prostituta, sendo apenas se cobrasse algo em troca, como relata Rebolho (2015)

No entanto, vale ressaltar que ter o número elevado de amantes não torna uma mulher prostituta. O que a torna prostituta é ter relação sexual em troca de dinheiro. Se a cultura da época compactuava e dava liberdade às mulheres em manter várias amantes, não nos cabe julgá-las com o olhar contemporâneo (p.90).

Os romanos esculpiam e adornavam o órgão sexual masculino e cenas orgásticas em figuras de terracota, lâmpadas, utensílios de bronze e objetos de uso pessoal, como espelhos, cabos de talher, prataria, utensílios em geral usados por toda a parentela. Pinturas em bacias e copos descreviam cenas explícitas do ato sexual tanto homo quanto heterossexual, casal ou orgiástico. Ainda que a liberdade sexual fosse dirigida apenas aos homens, devendo as mulheres se preservarem até o casamento e honrar seus maridos, as *hetairas* continuam a atuar como braço importante na formação social e sexual da sociedade, sendo parte da sociedade (Ullmann, 2005).

Com o declínio do Império Romano, as invasões bárbaras e as grandes cidades destituídas para formar aldeias agrícolas, a prostituição como parte da vida urbana perdeu espaço e com ela toda uma classe de mulheres: as *hetairas*. O prazer feminino passou a se tornar um mal a ser controlado. O cristianismo teve um papel fundamental na repressão da sexualidade feminina e na construção da prostituição marginal.

A igreja Cristã passou a apresentar mais influência na vida dos sujeitos durante o governo do legislador Teodósio no Império Romano, pois foi nesse período que ela passou a ter poder político, já que com a expansão do Império Romano ela ficou responsável por governar os novos territórios (Rebolho, 2015).

A Idade Média foi um período marcado pelo domínio do cristianismo, representado pela Igreja Católica na Europa Ocidental, uma instituição rica, organizada e influente. Com a transformação do cristianismo em religião oficial do Império Romano, em 391, durante o reinado de Teodósio, a Igreja passou a acumular fortunas e vastos territórios. No século V, a instituição tinha uma organização hierárquica definida – com padres e sacerdotes na base da pirâmide, bispos acima e o papa no topo. Os religiosos dedicaram-se a converter bárbaros e a

promover sua integração com os romanos, ganhando prestígio e passando a assumir funções administrativas nos novos reinos (Rebolho, 2015, p. 22).

O mito da Criação, que logo surgirá dentro desse novo modelo de moral judaico-cristã e será crucial para associar a mulher à imagem de perigo, corrupção, portadora do mal e da libido demoníaca. Afinal, eram todas filhas de Eva. Segundo a antropóloga Raquel dos Santos Sousa Lima e o historiador Igor Salomão Teixeira, “os argumentos retirados desses textos contribuíram para fundamentar as representações cristã, judaica e muçulmana sobre a diferença dos sexos, tendo alimentado a misoginia, da qual a própria Igreja Católica é herdeira” (Teixeira, 2009, p. 114).

As mulheres eram vistas como possuidoras do pecado original e disseminadoras do mal, por isso elas eram mantidas puras e afastadas dos homens. Maria, mãe de Jesus, aparece como símbolo ideal de comportamento feminino, em que as mulheres deveriam se espelhar: mãe, esposa e virgem.

Os historiadores Jacques Rossiaud e Cláudia Schilling Sancho (1991, p. 20-30) confirmam que as prostitutas, até antes da Idade Média, não eram marginais à sociedade, tinham um papel reconhecido, podendo, inclusive, vir a ser consideradas damas se deixassem a prostituição e contraíssem matrimônio.

A Igreja Medieval, embora condenasse todo relacionamento sexual, aceitava a existência da prostituição como um mal necessário. Essa afirmação é interessante se pensarmos as duas posições sociais atribuídas as mulheres daquela e dessa época: as santas e as putas. Afinal, a mulher passou a ter seu destino vinculado ao dogma da virgindade de Maria, mãe de Jesus.

A mulher, cujo destino era se tornar esposa, era obrigada a resguardar a sua virgindade até o dia de seu casamento, enquanto as casas de prostituição passaram a

funcionar como uma local de escape sexual para homens solteiros ou viúvos. Lá era o local adequado onde o homem poderia liberar toda a sua libido com segurança, liberdade que não sobreviveu ao Renascimento da Idade Média. Houve uma progressiva rejeição à prática da prostituição, que passou a ser associada à violência, roubos e desvio de caráter.

Assim, de parte integrante da estrutura social, a prostituição passou a ser considerada um mal necessário e, em seguida, um flagelo social gerador de problemas e de punições divinas que precisava ser controlado, regulamentado.

2.3. A História da Prostituição III – Da Fogueira Santa a Interdição Jurídica

Para compreender melhor a instalação de certas práticas e mudanças comportamentais ao longo da história da sociedade, deve-se refletir sobre os fatores que influenciaram essa mudança. O processo de mudança, de ressignificação está diretamente ligado à visão de homem no contexto vigente. Nesse sentido, não se pode analisar as novas práticas sociais dissociadas das práticas morais presentes (Foucault, 1988, p. 45 citado por Araújo, 2009).

A história da sexualidade perpassa questões de caráter religioso na construção de significados. Os comportamentos sexuais são conhecidos desde o início da civilização e representados pelo pecado original de Adão e Eva. “Na cultura ocidental, os mitos fundadores apresentam a sexualidade, sobretudo, a partir da ‘sexualização’ do pecado original feita por Santo Agostinho, como a responsável pela perda do paraíso, com todos os desdobramentos que se seguem, em particular, o lugar atribuído às mulheres” (Salles & Ceccarelli, 2010, p. 32).

Nos primeiros séculos do Cristianismo, o mundo toma um novo rumo, passando a compreender o homem antes e depois de Cristo. Segundo Salles e Ceccarelli (2010), em seu artigo “A invenção da sexualidade”, durante a Antiguidade Clássica já havia dispositivos que

regulavam a sexualidade. Esta corrente de pensamento mudou a concepção sobre a busca do prazer, encarando a prática sexual sem motivo para a procriação, um ato de luxúria, ou seja, pecado. O casamento se tornaria, então “uma permissão para a satisfação da luxúria ou do prazer para aqueles que consideravam as relações sexuais indispensáveis” (Ranke-Heinemann, 1996, p. 23).

Com o passar dos séculos, a sociedade adota paulatinamente concepções da nova religião monoteísta cristã, que ensina ao homem como (sem adotar o sentido de gênero) deve se comportar para ser fugir da punição do inferno. Nos séculos que se seguem, com a diáspora do Cristianismo na Europa, a Igreja é quem ditará a moral e os conceitos aceitos ou negados. Nos primeiros séculos da era cristã, os tratados teológicos elogiavam a virgindade feminina e atacavam o matrimônio com o propósito de convencer as mulheres a evitá-lo, agora com uma nova justificativa.

A igreja, valorizando o celibato, manifestou a ideia de que o prazer da relação sexual era pecaminoso e que o sexo só se justificaria para a reprodução. Um exemplo da ideia é a proposta da Igreja Católica transmitir para a mulher da época a figura de Maria de Nazaré, que engravidou sem sequer ter tido relações sexuais com seu marido José e até sua morte permaneceu virgem. Temos então a representação do ideal de mulher que se esperava (Salles & Ceccarelli, 2010, p. 17). Deste modo, tudo aquilo que não corresponde à figura criada por essa instituição é considerada pecaminosa, errônea e deve ser posta à margem.

No decorrer da história da prostituição ocorreram momentos de aceitação e momentos de negação do ato sexual. Segundo Araújo (2002), a visão de amor presente no casamento é uma invenção de ordem burguesa. É por volta do século XVIII na Europa que esse tipo de união passa a ser feita por livre e espontânea vontade, ao menos juridicamente falando.

Da Antiguidade à Idade Média, os pais cuidavam do casamento dos filhos e só se casavam sujeitos do mesmo estrato social, ou seja, nobre com nobre, plebeu com plebeu, de

modo que a sexualidade não era vivida como um lugar de prazer. Sua função específica, no casamento, tornou-se a procriação. Esse tipo de união resultou na expulsão da sexualidade do casamento e possivelmente por esse motivo o sexo e amor eram vivenciados com mais frequência nas relações de adultério.

Entre o final da Idade Média – século XV/XVI, e o final do século XIX -, muitas transformações aconteceram. Mulheres passaram a disputar espaço nos papéis racionais até então exclusivos dos homens. Joana D'arc, guerreira, Elizabeth I, rainha da Inglaterra e Isabel I, rainha de Castela são exemplos de mulheres que irromperam a domesticação feminina. Destaca-se durante esse período a assunção, por parte das mulheres, de papéis antes exclusivamente masculinos, muito embora a religião e o estigma da mulher-virgem permanecessem no imaginário coletivo.

Segundo o sociólogo Michel Foucault, há registros de uma relativa liberdade sexual por volta do século XVI, na maneira como os corpos poderiam ser expostos, nas práticas sexuais e no modo como os discursos se davam em torno do sexo. É nesse mesmo período, como desenvolvimento das sociedades burguesas vitorianas e do capitalismo, em que se inicia uma hipótese repressiva, entendida como mecanismo de coerção e autoritarismo, de obediência e censura. A partir desse século a sexualidade transforma-se, passando a encontrar centralidade no casal, na família. “[...] em toda a parte o puritanismo moderno impôs o seu triplo decreto de interdição, de inexistência e de mutismo” (Foucault, 1994, p. 11).

Em 1215, o Concílio de Latrão estabeleceu técnicas de confissão, métodos de interrogatório e inquéritos que passaram a fazer parte dos sacramentos. Em 1545-1563, o Concílio de Trento tornou esses mecanismos de poder mais organizados e funcionais. Através da confissão, tinha-se acesso a todos os segredos de seus membros. Ao se confessar, era recomendável a descrição de detalhes da relação conjugal: atitudes tomadas, gestos, posição de cada parceiro, carícias, momento exato do prazer. A imposição da necessidade de se fazer

um autoexame acerca de todas as insinuações da carne, manifestas nas imaginações, e, desejos voluptuosos (Foucault. 1994).

Através da reflexão incessante sobre sexo, a Igreja encontrava uma forma de controlar a sexualidade dos seus membros, por meio da confissão dos pecados; sua técnica de disciplinamento dos corpos era a introjeção da culpa e aplicação de punições físicas. Criou-se um sistema de vigilância, de mecanismos corretivos, de força coerciva ao alimentar a confissão, a vergonha, a difamação, o pecado e o medo da punição. A Igreja, as escolas e a medicina reprimiam a sexualidade, silenciavam-na, disciplinavam-na (Foucault, 1994). Sexo e corpo eram marginalizados pela Igreja. Discursos racionais, dirigidos por peritos com vista à construção de uma “verdade sobre o sexo”.

É somente no final do século de XIX que se experimentará novamente a busca por uma “liberdade de expressão”, perdida desde a instalação do patriarcado. Teremos então, o primeiro movimento que pode ser chamado de feminista, quando surge na Inglaterra e na França um movimento liderado por Josephine Butler contra a regulamentação estatal da prostituição.

Porém, já no início do século XX, o movimento se divide entre duas vertentes de feministas, aquelas que veem a prostituição como liberdade sexual e as que defendem o combate à prostituição, e à estimulação de uma “pureza social”. Para estas, a prostituição deveria ser combatida ao invés de regulamentada, salvando as prostitutas e punindo os exploradores dos bordéis e os clientes (Hirata, 2009, p. 205).

Margareth Rago (2008) ao realizar a genealogia das mitologias misóginas, acaba expondo as formulações hegemônicas desses imaginários, mostrando a função social que a prostituição assumiu na sociedade e nos alertando para quão masculino se tornou o imaginário em torno das prostitutas e da sua própria identidade. Dar continuidade à

construção dessa identidade a partir da visão masculina significa perpetuar a marginalização dessa categoria, silenciando-a e estigmatizando-a.

A reflexão histórica deve ser no sentido de descortinar essa posição hegemônica para dar espaço à leitura feminina dessa mesma história. Persiste o imaginário da prostituta como flagelo, doença, e a sexualidade feminina como uma força misteriosa que deve ser contida. A prostituição passou a representar uma ameaça física ao corpo, que atinge a família, o casamento e a propriedade. A família passa a ser eleita como espaço onde se pode desempenhar uma sexualidade sadia e a prostituição passa a representar um perigo a essa estabilidade, definida pelos médicos sociais como doença moral (Rago, 2008).

A história da prostituição vinha sendo considerada tema marginal até recentemente pela academia. Não havia produções e pesquisas significativas em torno deste tema. No Brasil, duas obras merecem destaque: *Os prazeres da noite*, de Margareth Rago, e *Meretrizes e Doutores*, de Magali Engel. Para Rago (2008, p. 89) a prostituição representava uma ruptura com a imagem da mulher ideal (virgem, mãe e pura) e da concepção de maternidade.

É na busca por uma homogeneização que se estabelece a norma, que funciona como uma forma de coerção fluida e não violenta, estabelecendo, em toda a sociedade, a exclusão de todos aqueles que se centram na “anormalidade”. Sua submissão perpétua e constante, através de um controle do tempo, reduz a sua potência em termos de resistência (Foucault, 2007).

Para Foucault, o poder está inserido dentro de uma natureza relacional, constante e perpétua. “O poder é exercido somente sobre sujeitos livres e apenas enquanto são livres [...] escravatura não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado [...] a liberdade precisa existir para “o poder” ser exercido [...]” (1982, p. 221). “O poder não é violência nem consentimento o que, implicitamente, é renovável” (Foucault, 1982, p. 220). Com essas palavras, Foucault refere-se não ao poder manifestado através da violência física, mas ao

poder sutil, intencional e subjetivo. “Não há poder que se exerça sem uma série de miras e de objetivos” (Foucault, 1994, p. 98). O poder “induz, incita, facilita ou dificulta; ao extremo, ele constrange ou, entretanto, é sempre um modo de agir ou ser capaz de ações. Um conjunto de ações sobre outras ações” (Foucault, 1982, p. 220).

O biopoder também se apresenta como um mecanismo regulador da própria sexualidade e dos comportamentos dos sujeitos coletivos. A estrutura hierárquica corrobora a ideia geral de vigilância. O biopoder é, assim, uma forma de poder em que o Estado controla as sociedades através do desenvolvimento de diretrizes políticas que atuam sobre a população em geral, de forma a garantir o bem-estar e a saúde de todos. Considerando o corpo como um objeto biológico, esse mecanismo de poder investe na produção de verdades científicas, em estatísticas, em verdades incontestáveis. Embora o poder disciplinar e o biopoder atuem em diferentes níveis, eles incidem de forma complementar sobre os corpos. É através dessa normatividade que são guiadas as políticas de administração do Estado, estabelecendo identidades fixas, classificadas e ordenadas, distintas das possíveis sexualidades desviantes.

Na afirmação “onde há poder há resistência” (Foucault, 1994, p. 98) está dito que os sujeitos têm a capacidade de se insurgir e de se insubordinar e, conseqüentemente, modificar a dominação a que estão submetidos em determinadas condições, “segundo uma estratégia precisa” (Foucault, 1979, p. 241). É nesse movimento que, em oposição ao silenciamento das vozes dos trabalhadores do sexo, começaram a surgir, a partir da década de 70, organizações de prostitutas capazes de falarem por si mesmas, numa tentativa de (re)conceituar o entendimento geral do que seria prostituição. Dito de outra maneira é uma possibilidade de se fazer circular novos discursos e criar novas subjetividades acerca da prostituição.

Durante os anos 70, nos EUA e Grã-Bretanha, as bandeiras de Butler retornaram ao movimento feminista contra a criminalização da prostituição pelo Estado e contra o assédio policial sofrido pelas mulheres. Passaram a exigir que fossem identificadas como

“trabalhadoras do sexo”, reivindicando reconhecimento social e legal de sua atividade como trabalho.

Já as feministas abolicionistas mantinham firme a posição de que a prostituição consentida e autônoma era um ato de violência em si, contra a mulher. Nos anos 80, essa tensão ideológica e estratégica tornou-se uma cisão política, de âmbito internacional, dentro do movimento feminista. Enquanto as primeiras lutavam ao lado das prostitutas formando um movimento de uma só voz, as abolicionistas lutavam para que o Estado interviesse de maneira mais rigorosa a fim de coibir a prostituição (Hirata, 2009, p. 205-206).

A adoção do termo *trabalhador do sexo* inclui todos aqueles (homens, mulheres, cisgêneros e transgêneros) que trocam serviços sexuais por alguma forma de ganho econômico (prostituição de rua e interior, striptease e danças eróticas, pornografia ou o trabalho como operadores de linhas telefônicas eróticas, entre outros).

Em meados dos anos 80, as prostitutas falavam em seu próprio nome, a fim de reivindicar a solidariedade dos organismos responsáveis pelo trabalho e por migrações, bem como dos movimentos feministas, exigindo o fim do assédio sexista, racista e colonialista das autoridades públicas, assim como o pleno acesso aos direitos civis e humanos.

Em colóquios nacionais e internacionais, as prostitutas denunciaram a violação a seus direitos humanos. Posteriormente, com o apoio de subvenções não governamentais e governamentais para o trabalho de prevenção da AIDS, mobilizaram milhares de mulheres, principalmente na América Latina e na Ásia. Esta foi a primeira vez na história que prostitutas se beneficiaram de um estatuto legítimo como educadoras para a saúde (Hirata, 2009, p. 208).

A organização americana COYOTE (*Call Off Your Old Tired Ethics*), fundada por Margo St. James, em 1973, contestava o argumento das feministas radicais que dizia que toda prostituição era forçada. Em 1985, realizou-se, em Amesterdã, o *First World Whores'*

Congress, onde foi instituída a *World Charter for Prostitute's Rights*, uma declaração mundial com vista a proteger os direitos dos trabalhadores do sexo, adotada pelo *International Committee on Prostitutes' Rights* (ICPR) (Ramalho, 2012, p. 180). Reivindicaram-se “direitos humanos e liberdades civis”, a livre escolha o seu local de trabalho, fim dos exames obrigatórios exclusivos para prostitutas e instituição de exames obrigatórios para todas as pessoas sexualmente ativas.

Recentemente, em outubro de 2005, realizou-se, em Bruxelas, um dos marcos históricos no movimento europeu dos profissionais do sexo: a *European Conference on Sex Work, Human Rights, Labour and Migration*, organizada pelo *International Committee on the Rights of Sex Workers in Europe* (ICRSE). Nesta conferência foram assinados e aprovados a “Declaração dos Direitos dos Profissionais do Sexo na Europa” e o “Manifesto dos Trabalhadores do Sexo na Europa” que reclamavam o direito à vida, à liberdade e segurança pessoal, à proteção contra a violência, à intimidade, à liberdade de movimento e associativismo, à proteção igual na lei, à liberdade de expressão, ao trabalho e a condições justas e favoráveis de trabalho, à não discriminação, entre outros (Ramalho, 2012, p. 181).

Estes movimentos de direitos dos trabalhadores do sexo estão essencialmente implicados na reivindicação de direitos e numa mudança de paradigma associado ao conceito de prostituição até então instituído. O trabalho de defesa dos direitos dos trabalhadores do sexo, inicialmente realizado pela COYOTE, permitiu que outros grupos semelhantes pudessem emergir. Hoje em dia, projetos e movimentos de trabalhadores do sexo de todo o mundo parecem apresentar-se cada vez mais organizados, empenhados e determinados a fazerem-se ouvir. Esta multiplicidade de vozes, construída por uma diversidade de atores, tem hoje o potencial de influenciar os discursos dominantes e transformar o trabalho sexual através da (des)estigmatização e conquista de direitos, poder, reconhecimento, e com isso, legitimidade (Ramalho, 2012, p. 182).

O reconhecimento da pluralidade de causas e das motivações que levam as pessoas a escolher como trabalho a atividade sexual, nos impulsiona a compreender a realidade de novas maneiras, a partir de perspectivas alternativas. Se desejamos que a libertação do estigma seja possível e que com ela a diferença entre putas e santas, virtuosas e perdidas, puras e impuras, Marias e Evas deixe de existir, devemos esperar que, termos como “perversos”, “doentes”, “imorais”, “libertinos”, “vadios”, “delinquentes”, “vítimas”, relativos aos trabalhadores do sexo venham a ser considerados termos ultrapassados. Para que “[...] talvez um dia, numa outra economia dos corpos e dos prazeres, já não se compreenda, bem como, as astúcias da sexualidade e do poder que fundamenta o seu dispositivo conseguiram submeter-nos a esta austera monarquia do sexo” (Foucault, 1994, p. 161).

2.4. A História da Prostituição IV – As Putas de Luxo

Foucault em “História da sexualidade, a vontade de saber” explicita a obscuridade em torno do que se considera sexo ou sexualidade. De acordo com o autor, não há meios de se mascarar em qualquer sociedade que seja os discursos ou expressões da sexualidade humana, pois esta se encontra como um dos eixos das construções ideológicas e, conseqüentemente, das relações sociais (Araújo, Bandeira & Silva, 2015, p. 367).

“[...] O maior preconceito é porque trabalhamos com sexo. Sexo é o grande problema, é o grande interdito das pessoas. E nós trabalhamos fundamentalmente, com fantasia sexual, esse é o verdadeiro motivo da existência da prostituição. É um campo imenso” (Leite, 2009, p. 14).

Ainda com base nas afirmações de Gabriela Leite a grande questão é o tabu acerca da prostituição, do comércio do sexo. Existe forte estigma em relação a quem vende o serviço, mas não sobre quem compra. A prostituta de luxo frequenta locais de alto padrão socioeconômico, seja pelo fato de seus clientes se encontrarem nesses ambientes, ou mesmo por trabalharem também como acompanhantes em eventos (Araújo, Bandeira & Silva, 2015).

Outra característica própria da prostituição de luxo está relacionada à baixa vulnerabilidade em comparação à prostituição de rua, pois com o público mais seletivo e com um grau de instrução maior, o risco de sofrer violência e contrair IST⁸ diminui, embora tais riscos não estejam descartados. Levando em consideração o intrincado “regulamento” da prostituição de luxo, que abarca tanto um mercado estético extremamente rigoroso, como clientes cujo padrão de excelência é alto, o valor do programa cobrado pode ser visto como um investimento, assim como ocorre com o mercado de bens de consumo. Se buscarmos um serviço/produto de qualidade e renome, provavelmente o investimento será mais alto. Desta maneira o valor do serviço de cada prostituta de luxo varia de acordo com cada profissional; em média fala-se em um valor próximo de 1.000 a 3.000 reais por hora de trabalho. Esse valor pode variar conforme o preço estipulado por cada profissional (Araújo, Bandeira & Silva, 2015).

Relatos de experiências exitosas, como belas viagens ao exterior, luxo, dinheiro, bons contatos; mas também experiências negativas, como o uso de drogas, exigências corporais e sexuais, problemas nos relacionamentos afetivos, conflitos familiares, recusa pública, preconceito. (Ribeiro, 2011, p. 5 - 6).

⁸ De acordo com a nova nomenclatura utilizada pelo Ministério da Saúde, 2017.

Outra convenção diz respeito ao fato de o sexo com a prostituta de luxo não carregar o estereótipo convencionado socialmente à garota de programa, já que elas não trabalham em pontos de vias, ruas e sim através de sites. Além de trabalharem apenas com sexo, podem também atuar como acompanhantes em eventos e até mesmo ouvir os desabaços sobre os problemas pessoais de seus clientes, o que as transformam, eventualmente, em ouvintes e conselheiras, não limitando estes indivíduos apenas ao ato sexual (Araújo, Bandeira & Silva, 2015, p. 366).

Desta forma a prostituição de luxo estabelece um novo patamar à medida que, diferentemente do baixo meretrício, as acompanhantes de luxo (termo comumente utilizado pelas prostitutas consideradas elite), voltam-se para um público diferenciado, com condições financeiras que possibilitam o desembolso de um valor mais alto pelo programa. Essas prostitutas muitas vezes são modelos, atrizes e atendem homens com grande influência social, como altos executivos, políticos, atores, etc. (Silva & Blanchette, 2008).

Essas profissionais captam seus clientes em boates, casas de massagem, bem como utilizando-se de anúncios em sites especializados em prostitutas de luxo (Oliveira, 2008). Existem também bookers que fazem a intermediação entre garota e cliente, ficando com parte do pagamento; podem também ser indicadas por clientes habitués ou amigas.

Em se tratando de pesquisas com foco na prostituição é frequente a literatura abordar a prostituição como uma alternativa ligada à falta de oportunidade de sobrevivência, trazendo à tona a identificação da prostituta com o papel de vítima. Muitos outros trabalhos que tem como tema a prostituição buscam instituir o discurso de que a profissional é incapaz de optar pela prostituição, sendo sua atividade apenas um reflexo da falta de opções (Guimarães, 2007; Leite, 2009 & Bourdieu, 2012). Ignoram, portanto, a existência de mulheres que encontrem prazer de fato em sua atuação profissional, inclusive entre as prostitutas do baixo

meretrício, como traz à tona Barreto (2014) ao afirmar que as prostitutas podem estar satisfeitas com seu trabalho, sentem prazer e se divertem.

Na contramão desse discurso vitimizador de diversos pesquisadores em relação à prostituta, consideramos fundamental trazer a fala das protagonistas da prostituição. Dando voz àquelas que permanecem silenciadas, ainda que suas vidas e enunciados sejam fonte de muitos trabalhos. Assim, a fala de Cláudia de Marchi (2016), acompanhante de luxo cuja notoriedade em 2016 fez com que estampasse inúmeros sites de notícias, é pertinente para essa pesquisa.

De acordo com Cláudia, que foi professora universitária e Advogada, a prostituta é definida como “aquela que está na situação por necessidade extrema, se expondo a uma quantidade imensa de riscos, em esquinas, cobrando barato e sujeita ao que o cliente deseja. Seria então, a garota de programa aquela com status melhor que a prostituta, que acha que porque faz faculdade, ou algo assim, tem um nível melhor. Todavia, faz tudo o que o homem quer, faz sexo com mulheres mesmo que não goste, finge orgasmo para agradar o homem, não tem tanta cultura, se veste de forma vulgar, assim como prostitutas de esquina. A acompanhante de luxo já é mais madura, sabe o que quer o que faz o que não quer e impõe respeito, é empoderada”⁹.

A noção de empoderamento que Cláudia de Marchi (2016), menciona traz à tona a questão da legitimidade de sua ocupação, bem como da satisfação que uma prostituta pode obter com seu trabalho, tanto interna quanto externamente. Interno no sentido de que, embora nem todos os programas sejam agradáveis, nem tragam realização sexual, a acompanhante de luxo se vale de estratégias e mecanismos que visem a possibilitar algum tipo de prazer: o jogo de sedução, a ideia de ser paga para performar uma atividade que a maioria das mulheres realiza “gratuitamente”, dominar ou ser dominada por alguém mais poderoso que ela, etc.

⁹ Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=12715>

Externamente, a satisfação decorreria do fato de serem muito bem remuneradas, possibilitando-as um padrão de vida acima da média, especialmente se comparado a trabalhos para os quais possuem formação (Araújo; Bandeira & Silva, 2015).

Todavia, a prostituta de luxo, ainda que constantemente requisitada em programas televisivos, reportagens e publicações, segue estigmatizada. É possível dizer que ela sofre duplamente o preconceito de realizar um trabalho sexual: além de ser puta (termo utilizado amplamente com caráter depreciativo), o faz por escolha, ou seja, voluntariamente se coloca em situação depreciativa. Isso posto, acredita-se que a mulher optar pela prostituição a aproxima de uma imagem de flagelada e sofredora, atribuída à puta ao longo de séculos. Nesse sentido, compreender essa atividade por escolha e prazer, é inconcebível a uma sociedade moralista.

Ainda que as prostitutas permaneçam estigmatizadas e enfrentem constantemente situações que as colocam à margem da sociedade (Costa; Silva & Nascimento, 2009), o trabalho tem significado fundamental na vida dessas mulheres, constituindo suas identidades, bem como ocorre em outras profissões. Além disso, toda uma rede de relacionamentos se estabelece, trocas ocorrem e rendas são geradas com base na oferta de serviço sexual, segmento importante da economia atual (Silva & Cappelle, 2017).

É interessante mencionar que, apesar da estereotipia e do desconforto com que a sociedade trata o assunto, a prostituição de luxo virou tema de muitos livros, programas televisivos e séries, com grande sucesso de público.

Há que se recordar o imenso sucesso protagonizado por Raquel Pacheco quando decidiu falar de sua vida como garota de programa, a famigerada Bruna Surfistinha. Com o livro “O doce veneno do escorpião”, publicado em 2005 e escrito por Jorge Tarquini, sua história tornou-se um best-seller, vendendo cerca de 250 mil exemplares. Seguiram-se a essa publicação, “O que aprendi com Bruna Surfistinha” (2006) e “Na cama com Bruna

Surfistinha” (2007), com tiragens mais modestas, mas ainda assim expressivas para o mercado brasileiro.

Em 2011, houve o lançamento do filme *Bruna Surfistinha*, protagonizado por Deborah Secco. Segundo a atriz, representar esse papel foi um divisor de águas em sua carreira. No ano de 2016 sua história retorna às telas – dessa vez no canal fechado Fox1 – por meio da série #MeChamaDeBruna, cuja segunda temporada estreou em 2017. Esses são alguns exemplos de como a prostituição, apesar de sofrer com a ojeriza social, desperta, paradoxalmente, profundo interesse.

Além de Raquel, outras prostitutas também obtiveram grande sucesso midiático com o lançamento de livros em que contavam suas vivências como prostitutas. É o caso de Gabriela Leite, que publicou “Eu, mulher da vida”, em 1992 e “Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta”, em 2008, além de ter sido tema de diversos documentários sobre prostituição e que apesar de sua morte, continua sendo referência no assunto.

Vanessa de Oliveira, hoje sexóloga e escritora, ganhou notoriedade em 2006, ao publicar seu primeiro livro, “O diário de Marise”. Nos anos seguintes, escreveu outros oito livros, cujos temas envolvem sexo, comportamento, relacionamento e religião. Entre eles, “100 segredos de uma garota de programa” (2007), “Seduzir clientes” (2008), “Como enlouquecer um homem na cama e fora dela” (2014).

O sucesso da temática da prostituição – especialmente a prostituição de luxo – pode ser notado em sucessos recentes da televisão aberta, como em “Verdades Secretas”, novela exibida pela rede Globo, de 8 de junho a 25 de setembro de 2015; contendo 64 capítulos, chegou a alcançar 30 pontos de audiência¹⁰. A minissérie “Felizes para Sempre?”, também exibida pela Globo, teve média de 17 pontos de audiência e alcançou 20 pontos no episódio

¹⁰ Segundo a Kantar Ibope Media, um ponto de audiência equivale a 245.702 domicílios e 688.211 espectadores.

final¹¹, sendo veiculada de 26 de janeiro a 6 de fevereiro de 2015, com 10 episódios. A série de televisão brasileira “O negócio”, transmitida pelo canal fechado HBO, cujo primeiro episódio foi ao ar em 18 de agosto de 2013, teve 3 temporadas e 39 episódios.

O glamour com que a mídia representa essas mulheres corrobora para que exista uma aura mítica envolvendo a prostituição. Um universo repleto de mistérios e artimanhas da sexualidade, magistralmente dominado pelas acompanhantes. Nesse sentido, a vida imita a arte e a expectativa é que as prostitutas de luxo se apresentem impecáveis, elegantes, bem vestidas, corpos perfeitos. Barreto (2014) vem ao encontro dessa ideia ao afirmar que as garotas se preocupam excessivamente em cuidar da pele, corpo, cabelos, alimentação e em consumir produtos de luxo, como roupas, sapatos e joias. Frequentam centros de estética, salões, academias de ginástica, clínicas médicas (é comum entre elas procedimentos como implantes nos seios e glúteos, lipoescultura/lipoaspiração) buscando atingir um ideal de perfeição estética, que seria seu cartão de visitas, daí a necessidade do alto investimento.

É interessante perceber que, no quesito beleza, a distinção entre acompanhantes de luxo e protagonistas do baixo meretrício se dá justamente pelo fato de aquelas não parecerem prostitutas. São grandezas inversamente proporcionais: quanto mais distantes estiverem do visual estereotipado convencionalmente do que seria uma garota de programa, mais se aproximam da imagem de prostituta de luxo.

Além de representar um ideal estético, o cuidado com o corpo evidencia a importância de manter uma identidade profissional. Há inúmeras profissões que demandam a criação de uma persona que se adapte ao ambiente profissional que frequenta, o que demanda certa postura, muitas vezes, cara de se manter. De acordo com Amauri (2014) essa ideia aplica-se tanto a executivos quanto a prostitutas. Os primeiros não podem simplesmente criar networking no boteco da esquina bebendo cerveja barata, eles precisam frequentar bons

¹¹ Dados acessados em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Felizes_para_Sempre%3F> Acesso em: 29/01/2018.

bares, cujo valor seria significativamente mais alto em relação a um boteco popular. Nesse sentido, às garotas é imposto que aparentem certo sucesso financeiro, educacional e estético: ela não pode se vestir de maneira vulgar, deve saber se expressar e ter acesso a seu cliente alvo, que não frequenta quaisquer estabelecimentos.

Corroborando essa ideia, Amauri (2014) cita o exemplo de Fabi, acompanhante de luxo que contratou seus serviços de consultor financeiro:

Quando chegou em São Paulo, adorava comprar sapato na Arezzo. “Agora acho Arezzo sapato de puta ralé. Às vezes eu viajo com cliente, preciso estar bonitinha, né? Homem chique gosta de mulher bem-vestida”. Hoje compra sapatos na Zeferino. Cada par custa algo por volta de R\$ 600. Contou de uma vez que foi passar o final de semana na chácara de um cliente e escutou “Não te pago R\$ 400 reais por hora para você aparecer aqui de Melissa.” No pulso, carrega uma pulseira da marca HStern, que comprou por 10x de 900 reais. “É bom pra intimidar o cliente”.

Outra característica marcante dessa categoria de profissionais seria o acesso à educação de qualidade. Tendo vindo de famílias com bom poder aquisitivo, poderiam ingressar em escolas particulares e universidades (Barreto, 2014). Faz parte do imaginário acerca da prostituição de luxo que muitas universitárias ou recém-formadas se prostituem para pagar os estudos ou manter um padrão de vida que lhes deem acesso a certos bens de consumo aos quais não teriam acesso apenas com a renda advinda de sua área de formação. Contudo, não se pode dizer que que essa situação seja o caso da maior parte das meninas que desempenham o papel de acompanhantes de luxo. Pode, inclusive, apresentar-se como

estratégia de marketing para acrescentar valor à profissional e, conseqüentemente, a seu serviço.

Claudia de Marchi (2016), prostituta de luxo atuante em Brasília, propõe significação distinta em relação à importância que o ensino superior representa para quem deseja tornar-se acompanhante de luxo. Em sua perspectiva, o capital cultural deve ir além de estar cursando ou de ter cursado o ensino superior, pois, diferentemente do que ocorria nos anos 1990, em que fazer faculdade era considerado um privilégio elitista, na atualidade, todos teriam acesso às universidades. Nesse sentido, Marchi (2016) sugere que o tipo de cultura que uma acompanhante de alto padrão precisa ter concerne a “conhecer cinema, boa música, bons filmes, bons autores, bons diretores, bons interpretes, bons artistas!”.

A importância do acesso à Educação de qualidade vem da necessidade de saber se comunicar e se portar em relação a seu público alvo. Ainda mais relevante do que encarnar a fantasia da mulher perfeita, sexualmente bem resolvida e capaz de proporcionar prazer ao cliente, a relação cliente – prostituta representa uma possibilidade afetiva, em que a prostituta se torna companheira, apta a ouvir e possibilitar que o cliente seja quem ele deseje ser (Silva & Cappelle, 2017).

Sendo assim, desde que a acompanhante de luxo entenda os códigos que regem sua categoria e o domínio, seu contrato com o cliente pode ir além da relação sexual, abarcando não apenas o espaço restrito do quarto (privado), mas também espaços públicos: festas, jantares, eventos, viagens. O domínio desse código de conduta faz parte do saber/fazer da prostituta de luxo.

Em levantamento no site de acompanhantes de luxo, MClass¹², é possível obter fotos, informações acerca das medidas das meninas, modo de contato, tipo de atendimento, etc. Também é possível, através de uma mensalidade, que o cliente tenha acesso a conteúdo

¹² www.mclass.com.br

restrito, como vídeos e entrevistas. Cerca de 30 garotas responderam ao contato via Whats App perguntando sobre o valor de atendimento; o montante variou entre 300 e 600 reais por hora. Sendo as mais jovens e as famosas que fizeram ensaios sensuais para revistas como *Sexy* e *Playboy*, as que possuem cachês elevados.

Portanto, Silva e Cappelle, (2017, p. 24) relatam que “a prostituição de luxo tem como principal característica o fato de se voltar para um público sofisticado, com condições financeiras que tornam possível o pagamento de altos valores por um programa”. Evidencia-se nessas profissionais uma dinâmica de trabalho diferenciada em relação a outros tipos de prostituição, marcadas pela pobreza, pelas péssimas condições de trabalho em boates ou, até mesmo, nas ruas e pelos baixos preços cobrados pelo programa.

2.5. A História da Prostituição V – Os Discursos acerca da Prostituição

Falar em análise de um discurso (AD) é antes de tudo se ater ao discurso propriamente dito, ao que é proferido de forma objetiva, buscando a exaustão dos significados do que é dito, como é dito e para quem é dito, possibilitando, assim, o surgimento de relações de poder e de saber mais íntimas. Desta forma e de acordo com a perspectiva de Foucault, “precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, é preciso ficar simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas” (Fischer, 2001, p. 198).

Para a análise de um discurso ser eficaz é necessário fazer um movimento de desnaturalização do enunciado em questão, deixando-o surgir na complexidade que lhe é peculiar. Essa tarefa não é tão simples, pois somos condicionados a pensar que discursos são apenas um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos e

carregam significados ocultos, cheio de reais intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis (ibidem, 2001).

Para Foucault, não há algo escondido por de trás de um discurso, o que existe são relações que o próprio discurso põe em funcionamento. Dito de outra forma o discurso é um meio pelo qual se produzem materialidades, se produzem sujeitos discursivos que formaram instituições que produzirão outros sujeitos e assim por diante. Portanto, analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos (Fischer, 2001, p. 198). Ainda de acordo com a autora:

(...) nessa perspectiva, significará antes de tudo tentar escapar da fácil interpretação daquilo que estaria por trás dos documentos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política; na medida em que as palavras são também construções; na medida em que a linguagem também é constitutiva de práticas (Fischer, 2001, p. 199).

Michel Foucault, em sua célebre aula traduzida para o livro “A ordem do Discurso”, esclarece que os discursos estão sempre ligados a relações de poder, ou seja, no discurso há sempre uma tentativa de organização das práticas, onde frequentemente se estabelecem inúmeros saberes a respeito daquele discurso. Sendo assim, utilizar a metodologia da análise de discurso para compreender um dado fenômeno possibilita que os lugares de poderes sejam reformulados. O autor exemplifica essas relações quando fala sobre a oposição entre razão e loucura presente da Idade Média aos dias atuais:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida,

não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato. (Foucault, 2014, p. 10-11).

Com o passar dos séculos, esse discurso sobre o que é dito pelo o louco se reformula e a partir do século XVIII, os médicos buscaram saber o que era dito e porque era dito. A palavra *louco* era dada simbolicamente e, como ocorre nos dias atuais, assim que proferida, a palavra do louco cai imediatamente no vazio, pois a escuta do médico é sempre guiada pela manutenção da censura (Foucault, 2014, p. 12/14).

Ao se pensar no objeto de pesquisa deste trabalho, pode-se afirmar que os discursos sobre a prostituição e a respeito da prostituta emergem no sentido de manter-se na censura, pois os ditos que circulam sobre a prostituição e a prostituta frequentemente atribuem significados pejorativos, degradantes quando não violentos baseados em condutas e crenças presentes desde os primórdios do patriarcado.

Nessa perspectiva da AD Foucaultiana, percebe-se que é no nível da linguagem que se articulam os discursos e se materializam subjetividades. Por meio da materialidade da língua nos é permitido penetrar os saberes de uma sociedade, suas ideologias e, conseqüentemente, nessa complexidade de relações, o sujeito, os sentidos e a História. Logo, o discurso não é transparente, livre de opacidades, de falhas, equívocos, apagamentos, dispersões e memória e é justamente por meio do discurso que se buscará, aqui, trazer à tona e refletir sobre o discurso a respeito e das próprias prostitutas.

Dessa maneira, entendemos que há vários saberes e poderes envolvidos em um discurso que tome a prostituição como tema, uma vez que, as formações discursivas (Foucault, 1995) não são estanques em si, trazendo elementos que as façam dialogar, complementar-se, coexistir ou confluir-se, entende-se que, para se proferir um discurso sobre a prostituição na contemporaneidade são necessários saberes produzidos, circulados e

distribuídos (Foucault, 1996) por vários campos e instituições, tais como a mídia e a igreja e a medicina.

Assim, por meio da materialidade da língua, especificamente utilizando-nos da análise dos enunciados, como sugere Foucault (1995), a análise do discurso será utilizada com a finalidade de emergir essas relações interdiscursivas, exteriorizando os saberes e os poderes que delas decorrem.

Portanto, ao se pensar na forma que os discursos exercem relações de poderes e saberes dentro do universo da prostituição feminina, é necessário que se esteja atento à descrição dos enunciados, dos jogos de verdades sobre o ato sexual, sobre a sexualidade feminina, como também sobre a subjetivação dos corpos, por meio das instituições de controle, como por exemplo, o saber proferido pelas Igrejas, pela medicina e pelas mídias, que legitimam verdades, criando e propagando relações sobre legitimidade e ilegalidade sobre esse fenômeno. Essas relações consistem em propagar a ideia de governo das populações, para um bem “maior” e a manutenção da vida – BIO.

2.5.1. A Biopolítica e as relações de controle da vida e dos corpos

Foucault (1990) recupera a noção de governamentalidade presente desde a era Moderna diferenciando-a dos modelos de relações de poder presente nas Monarquias e Soberanias. Na Monarquia e na Soberania Foucault relata que o gerenciamento do poder estava circunscrito a um espaço fixo, onde o Soberano ou o Rei não poderiam circular com frequência. Isso consistia em manter o Soberano em um lugar inacessível, distante da população. Essas relações eram pensadas e calculadas a fim de possibilitar a continuidade do regime do Monarca, pois o que constituía o Poder nessas relações era a posição espacial ocupada pelo Soberano.

Já no modelo de governamentalidade presente na era Moderna, que Foucault (1990) denomina de dispositivo de Poder Pastoral, tem-se a metáfora do pastor e das ovelhas, onde diferente do gerenciamento do poder nas relações de Soberania e Monarquia a governamentalidade se faz na circulação do poder. Desta forma, o Pastor exerce a figura que conduz/orienta/governa suas ovelhas para a salvação. Sendo assim, o poder pastoral se faz no movimento/caminho, tem por objetivo chegar ao “pasto”, utilizando para isto diversas estratégias para pensar tal condução, e é neste caminho que emergirão relações de poder sobre as ovelhas, já que nesta lógica seguir o pastor possibilita a sobrevivência das ovelhas.

Sobre essa questão Foucault (1990) nos relata que,

Jamais Antiguidade Greco-Romana haverá a ideia de que certos indivíduos poderiam desempenharem em relação aos outros o papel de Pastores, guiando-os ao longo de toda sua vida do nascimento à morte. [...] o poder pastoral não tem por função fazer mais aos inimigos sua principal função é fazer o bem em relação aqueles de que cuida, fazer o bem no sentido mais material do termo, alimentá-los, garantir subsistência, oferecer pasto, conduzir as fontes, permite-lhes beber, comprar boas pradarias (Foucault, 1990, p. ?).

Luckmann e Nardi (2017) contribuem relatando que a ideia da governamentalidade refere-se a uma lógica da pastoral cristã, que propunha que todo o indivíduo deve deixar-se governar e ser conduzido por alguém que o levasse à salvação, numa relação de estrita obediência. Essa arte de governar torna-se mais presente na vida das civilizações a partir de sua difusão pós Reforma Protestante.

[...] permaneceu relativamente limitada até a Reforma Protestante, quando houve sua difusão ao campo mais amplo do governo das populações. Essa expansão corresponde, primeiramente, ao seu deslocamento do foco religioso para a sociedade civil – é a laicização da arte de governar. Um segundo ponto é a multiplicação das áreas de atuação deste governar: como governar as crianças, os pobres, a família, uma casa, uma cidade, o Estado e, também, no âmbito individual, o corpo e o espírito (Luckmann & Nardi, 2017, p. 1241).

Desta maneira, para o governo de suas ovelhas “o Pastor disporá de meios de análise, de reflexão, de detecção do que se passa, mas também o cristão será obrigado a dizer ao seu Pastor tudo que se passa no âmago de sua alma” (Foucault, 1990). É nesse dizer, nesse delatar-se, que surge uma das questões mais importantes para o Poder Pastoral e para o dispositivo da sexualidade, a emergência da confissão.

A confissão é uma tecnologia utilizada para o governo do indivíduo, sua efetividade se dá no autoexame da consciência que deverá ser apresentada aquele que está na posição de governo. A confissão seria então uma tecnologia individualizadora de autoconsciência e culpabilização do sujeito consigo mesmo, quando este não age conforme o modelo da moral cristã. Desta maneira o Poder Pastoral é um governo dos vivos, biopoder sob este aspecto está mais próximo do Poder Pastoral do que dos modelos Monárquicos/Soberanos.

O Biopoder seria então uma possibilidade de controle dos aspectos relacionados às condições da existência humana como os condicionantes de vida, dados epidemiológicos dentre outros são assuntos do interesse do Estado. A forma de governar e as relações de poder presentes nela são condicionantes que visam à manutenção da vida ou a decisão da morte o que Foucault nomeou por “fazer viver e deixar morrer”, como verificamos abaixo:

O direito de matar é efeito do poder do soberano, cujo foco é o corpo e o indivíduo; onde o poder está centrado na figura única de um soberano, tal soberano podia *deixar viver* ou *fazer morrer*. No biopoder, em operação na Biopolítica, há uma nova tecnologia de poder em jogo, que desponta ao final do XVIII, e que, diferentemente, diz respeito à vida: não é individualmente, as massificante, ou seja, “se faz em direção não do homem-espécie” (1999, p. 289).

Foucault desenvolveu as primeiras noções sobre o biopoder em suas análises presentes nos escritos de história da sexualidade I – a vontade de saber. De acordo com o autor, o biopoder se desenvolve a partir do século XVII de duas formas. Na primeira centrou suas análise “no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade [...]” (Foucault, 2006, p.151). A segunda análise foi realizada por volta do século XVIII, influenciada pelo pensamento da época, consistiu no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo [...]; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma bio-política da população.” (Foucault, 2006, p.152).

Sendo os dois polos que “constituem o biopoder denotam que o corpo dócil, útil e individualizado, passa a ser visto como um corpo coletivo que demanda intervenções para a sua gestão. Na gestão do corpo social o sexo foi alvo de uma disputa política” (Grimes, 2012, p. 2). Na governamentalidade tem se como finalidade a ‘sobrevivência da espécie’, logo todas as intervenções são justificadas tendo com base o bem comum, a vida.

A compreensão de corpo para Foucault é essencial para se entender como se dá a formulação do controle dos corpos da prostituta por meio dos discursos. Foucault não sistematizou uma produção sobre corpo, no entanto, é possível estabelecer uma noção de suas

ideias com base na importância que ele atribui ao corpo em suas obras. Para este autor, o corpo é algo anterior ao sujeito, o corpo preexiste em seus discursos históricos e políticos, pois consiste numa superfície moldável sociohistoricamente, ao contrário “do sujeito que não existe a priori, mas é uma invenção pautada em discursos e relações de poder-saber que o constituem, sendo o corpo em Foucault preexiste como superfície” (Mendes, 2006, p. 168).

Pensar na construção de corpos pressupõem primeiramente compreender os poderes presentes nessa constituição. Partimos da compreensão de corpos enquanto construtos sociais e gêneros enquanto performativos (Lima, 2014). Logo, concepções de corpos não são fixas, estão em constante movimento conforme os discursos presentes em determinada época, refletir sobre eles torna-se uma possibilidade de modificação das relações de controle.

Na história da humanidade a suposição de superioridade do sexo masculino esteve sempre presente, justificando as condutas e a opressão do sexo feminino. A partir do século XVIII, com a mudança da ciência e da visão de homem, surge um novo modelo conceitual que passa a considerar a existência de dois sexos e dois gêneros. Nesse contexto, o discurso de submissão se reformula e passa a ser controlado pelas disciplinas, onde as diferenças fisiológicas, sociais e espirituais tornam-se justificativas para o prosseguimento da sujeição feminina, pois ao feminino é atribuída a fragilidade, a incompletude, legitimando a hierarquização dos sexos (Leite-Júnior, 2008). Ainda segundo o autor, ao falarmos nessa hierarquização baseada no que seria natural de determinado sexo, notamos as relações de controle existente sobre os corpos. A legislação, ao mesmo tempo em que nos mostra as relações de poder e saber sobre o feminino e o masculino, também nos possibilita questionar o quão frágil ela é, pois se afirma e acredita-se tão veementemente na superioridade de um sexo a ponto deste ser ameaçado em sua estrutura pelo simples ato da mulher de agir como deseja sexualmente.

Butler (2009) lembra de que a reprodução das normas de gênero na vida comum é sempre, de alguma forma, uma negociação com as formas de poder que determinam aqueles cujas vidas serão mais agradáveis para se viver e para aqueles cujas vidas serão menos, se não completamente insuportáveis. É o caso, dentre outros, das pessoas que utilizam o corpo como forma de renda, ou para sua própria satisfação.

Bento (2012) também corrobora a ideia de Butler (2009), na medida em que afirma “não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos”, todo o corpo é resultado da visão cultural e científica de determinado período histórico, é o resultado do investimento discursivo a ele atribuído pelas disciplinas. Podemos analisar o corpo feminino como uma tecnologia social operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares, jurídicas que produzem e legitimam a verdade que pode ser vivenciada por corpos-homens e corpos-mulheres. Seguindo nessa perspectiva, a materialidade do corpo deve ser pensada como efeito de poder e o sexo não é algo estático, é o meio pelo qual o sujeito se torna viável no sentido da inteligibilidade.

Desta maneira, quando pretende-se questionar a ordem naturalizada sobre os discursos dos corpos, devemos estar atentos aos novos enunciados que irão se formar e reformular, pois estamos sempre reproduzindo e reformulando novos discursos que também servem para a manutenção ou cisão de determinada ordem.

Compreende-se que é por meio do corpo que, historicamente, ocorrem as ações de controle do sujeito. Em sua obra “Vigiar e Punir”, Foucault se propõem a investigar uma visão específica de corpo. Ele se deterá “nas práticas disciplinares que se consolidaram a partir do século XVIII para poder pensar a produção de um tipo específico de corpo, a saber, um corpo dócil” (Mendes, 2006, p. 168). Neste sentido, seria necessário compreender o processo de subjetivação do corpo em Michel Foucault, demonstrando as tecnologias

utilizadas pelas instituições como escolas, hospitais, prisões, evidenciando como tais assuntos são abordados pelos especialistas.

Outra passagem do texto em que o autor Mendes (2006, p. 168) comenta a concepção de corpo descrevem-no

[...] como objeto de relações de poder-saber que constituem atitudes corporais e formas de sujeito, o corpo sofre ações baseadas em diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Pode-se dizer que o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, a trajetória para se chegar ao “ser” e também ser prisioneiro deste. A constituição do ser humano, como um tipo específico de sujeito, ou seja, subjetivado de determinada maneira, só é possível pelo “caminho” do corpo.

Logo, os processos de subjetivação não podem ser analisados sem considerarmos o momento histórico, as crenças, a cultura de determinada sociedade. A subjetividade é então uma relação que o sujeito estabelece com as coisas, por meio da história, sendo evidenciada diretamente no corpo. Esse corpo imerso em subjetivação, não meramente o corpo orgânico, é um corpo constituído de formulações sociais (Cardoso Jr & Assis, 2005, p. 345). Bento (2011) ao falar das tecnologias que fazem o gênero, relata que a partir da concepção de um feto, já se criam expectativas sobre os papéis masculinos e femininos que o sujeito irá exercer ao longo da vida, estando ligados diretamente a esse corpo que ainda é uma promessa.

Se fizermos uma linha do tempo, com base nos estudos de Silveira (2008) em relação à importância do corpo na história da humanidade, é possível notar que na Renascença o corpo era meramente relacionado ao micro e macrocosmo, enquanto no Classicismo tem-se o surgimento do corpo-superfície onde ocorreu a imersão de categorizações gerais de todos os seres vivos em geral.

Já na era Moderna há uma ruptura com os pensamentos anteriores e com os estudos de René Descartes. Passa-se a entender o corpo como meio de chegar ao conhecimento sobre o sujeito. É então que o corpo passa a ser compreendido como detentor de funções, sentidos, desejos, configurando-se “como o ponto de apoio de diversos diagnósticos que elencarão uma série constantemente renovável de patologias e desvios comportamentais, e a imanência de vários padrões de normalidade” (Silveira, 2008, p.739).

Alves (2012, p. 136), ao utilizar os teóricos Le Breton (2010), afirma que na pós-modernidade “antes de tudo a existência é corporal”, já citando Potter (1992), relata uma visão de corpo semelhante à apresentada anteriormente, em que a concepção de corpo é relacionada a “uma construção simbólica”. Nessa perspectiva, o corpo do sujeito torna-se eixo estruturante de sua relação com o mundo, deixando de ser visto apenas como algo biológico. Esse estudo traz à tona o desdobramento da era Moderna em que o corpo é visto como categorização diagnóstica, passando para a visão atual de adequação e intervenções corporais visando atingir o “corpo perfeito”.

Analisar como se dá a construção social do corpo das prostitutas exige, necessariamente, compreendê-lo como espaço de lutas, conflitos simbólicos e significados definidos culturalmente, historicamente. Portanto, a corporalidade, ou a subjetivação do corpo da prostituta de luxo é construída na articulação com o cotidiano dessas mulheres. O corpo seria um acessório, um lugar de construção onde também se expressam paixões, sentimentos, pertencimentos e identidades. Assim, no universo da prostituição, a prostituta fará uso de intervenções físicas no sentido de se tornar cada vez mais atraente e desejada por seus clientes (Alves, 2012).

Não se pode esquecer que essas mulheres, às quais vêm sendo imposta total negatividade, são seres humanos que têm sua própria voz. Aliás, cuja presença tem penetrado diversos contextos e se insurgido contra essa realidade massacrante, em busca das rédeas do

discurso. Prova disso são as manifestações cada vez mais frequentes, nos últimos anos, de prostitutas que decidem falar sobre sua história, brigar por seus direitos e afirmar-se na contramão do discurso objetificador, mostrando uma ruptura na representação historicamente negativa dessas mulheres¹³.

Nesse sentido, entendemos o discurso como objeto de poder e não “simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual se quer apoderar” (Foucault, 1996, p.10). Nessa lógica, ao refletirmos sobre a maneira como as prostitutas se transformaram e procuraram compreender a si mesmas, podemos notar a resistência em relação aos poderes socialmente normatizadores. Pensando suas vidas, tratando de si e gerindo novos caminhos, essas prostitutas encontram uma fenda no mecanismo de poder, recriando a si mesmas e criando novas maneiras de existir no mundo, assim como novos modos de relacionar-se consigo e com o outro (cf. Couto, 2012).

Diante dessa gama de discursos proferidos, fica a pergunta de como essas mulheres se sentem, de fato, em relação às suas atividades como prostitutas. Trata-se de um trabalho relacionado exclusivamente à negatividade e à miséria? Essas mulheres podem também sentir prazer? É possível que enquanto trocam carícias com esses homens ou mulheres sintam-se realizadas e felizes? Afinal, qual ou quais são as consequências agradáveis da prostituição?

Apesar do turismo e exploração sexual serem assuntos amplamente discutidos, bem como os traumas que levam as mulheres a optarem pelo caminho da prostituição, faltam estudos que tragam o discurso das próprias prostitutas, que permitam que sua voz ecoe, que deixem que elas digam qual a sua verdade; se gostam de ser prostitutas e se sentem prazer ou se sentem culpa pela atividade que exercem.

Nesta pesquisa propõe-se investigar os discursos que permeiam a prostituição descrevendo as relações de prazer e culpa que as prostitutas sentem/discursam no exercício

¹³ “O doce veneno do escorpião” (2005), de Bruna Surfistinha, “O diário de Marise” (2006), de Vanessa de

do trabalho que desempenham, pensando nessa culpa como um sentimento/discurso inculcado socialmente, que afeta sua existência e que talvez minimize a possibilidade de sentir prazer.

Oliveira, “Alugo meu corpo” (2007), de Paula Lee, “Filha, mãe, avó e puta “(2009), de Gabriela Leite, “O prazer é todo nosso, de Lola Benvenuti (2014), entre outros.

3. METODOLOGIA

3.1. A Escolha do Método de Pesquisa

Esta é uma pesquisa de Campo de caráter qualitativo, cuja investigação será observante por meio de um questionário socioeconômico e um roteiro de entrevista. A escolha pelo método qualitativo se deu em razão da pesquisadora apresentar proximidade com o tema proposto, o que possibilita não só um acesso diferenciado às participantes como também uma compreensão mais fidedigna do fenômeno.

A escolha do método qualitativo se deu em razão de seu objetivo centrar-se em compreender o fenômeno de maneira específica, individual, buscando aprofundar-se de maneira focal, não o generalizando. Logo, trata-se da substituição de estatísticas por observações individuais, interpretações subjetivas que vem à tona dos sujeitos investigados por meio de sua experiência de vida.

Desta maneira a pesquisa qualitativa se propõe compreender a realidade do fenômeno estudado sem necessariamente quantificá-lo, “ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001).

Desta forma, Pimentel, Oliveira e Araújo (2009, p.26) a pesquisa qualitativa:

[...] admite ao pesquisador imergir de maneira compreensiva no desvelamento das camadas que obscurecem a significação dos fenômenos estudados, estimula-o a aprender o sentido subjacente ao acontecimento, levando em conta a sua complexidade e particularidade, não objetivando alcançar a generalização, sim o

entendimento das singularidades, ou subjetivo e da comunalidade, ou do intersubjetivo.”

Minayo, em 1993, citando Weber (1970), elabora a tarefa qualitativa como a procura de se atingir precisamente o conhecimento de um fenômeno histórico, isto é, significativo em sua singularidade (Minayo, 1993, p. 244). Ainda segundo a autora a pesquisa qualitativa:

[...] realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (Minayo, 1993, p. 244).

Quanto ao tipo da pesquisa, esse estudo se caracteriza por um trabalho descritivo cuja proposta é relatar as percepções do fenômeno da prostituição, pelo viés das prostitutas, descrevendo as relações de poder/saber sob a ótica da Análise de Discurso (AD) Francesa de Michel Foucault.

3.2. A Escolha das Participantes

Para a realização desta pesquisa optou-se pela escolha de participantes do sexo feminino, em razão da histórica dicotomia opressora entre “mulheres santas” e “mulheres putas”, ou atualmente como “do lar” e “do bar” calcada em moldes da dominação masculina, que gera intensos conflitos vivenciais as mulheres.

Sendo assim, a pesquisa teve como foco a análise dos enunciados de prostitutas de luxo com idade entre 18 a 30 anos, que atendam em flats de bairros nobres da cidade e do Estado de São Paulo, em consonância com os objetivos propostos por esta pesquisa.

3.3. Local de Coleta de Dados

Os dados foram coletados em uma sala comercial alugada, localizada na cidade de São Paulo. Utilizou-se o local para a realização de quatro entrevistas, durante o mês de setembro, do ano de 2017. Cada entrevista teve duração aproximadamente de uma hora e meia.

3.4. Instrumentos Utilizados

Foram utilizados para esta pesquisa um questionário socioeconômico, um roteiro de entrevista semiestruturada e um aparelho digital de áudio da marca Apple, modelo iPhone 6.

A escolha do questionário socioeconômico se deu em função da possibilidade de conhecer as participantes de forma efetiva. Já o roteiro de entrevista foi elaborado com base nos temas pertinentes à pesquisa, como por exemplo, as relações familiares, afetos, trabalho, dentre outros, sem que se façam perguntas diretas aos participantes. O objetivo deste roteiro foi fazer com que os participantes se sintam à vontade para falar livremente de sua vida. Como sugere Bourdieu (1990 citado por Boni & Quaresma, 2005, p. 72):

Quanto à formulação das questões o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas devem ser feitas levando em conta a sequência do pensamento do

pesquisado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado. Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado.

Notamos que nas entrevistas tal recurso possibilitou conhecer de maneira mais profunda a história de vida de cada uma das participantes, como descrito nas análises de dados.

3.5. Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram analisados na perspectiva da análise do discurso francesa com ênfase nas teorias de Michel Foucault. Para isso relacionou-se as práticas discursivas acerca da prostituição de Luxo analisando e explicitando as relações de saber, ou seja, o que se acredita ser prostituta em nossa sociedade com base na historicidade e a visão dos sujeitos que vivenciam esse trabalho, bem como descrever as relações de poder, que consiste nas relações de controle, dominação, silenciamento e censura da puta.

Sendo assim, os dados foram organizados em duas categorias de análise. Na primeira estão presentes as relações de subjetivação, de saber, de “verdades” sobre a puta e na segunda temos as relações de controle, de poder que legitimam ou negam a vivência de cada sujeito, com base nas verdades de cada período histórico.

Desta forma, considera-se, com base em Foucault, que as verdades sobre determinado tema são sempre frutos de formações discursivas, que legitimam e controlam o certo e o errado, estabelecendo relações de poder e saber sobre o tema em questão.

Para Michel Foucault, estamos sempre imersos a relações de controle, impostas por meio de enunciados, exercidas através de mecanismos de poder e saber e perpetuadas pela reformulação dos discursos ao longo do tempo. Portanto, “tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam” (Fischer, 2001).

A análise do discurso é uma teoria que se apresenta no cruzamento de diversos campos disciplinares, situando-se na linguística, no materialismo histórico, dentre outros. Caregnato e Mutti (2006), relatam que o discurso, por si só, é de natureza tridimensional, abarcando a linguagem, a história e a ideologia. Sua produção acontece na história, por meio da linguagem, uma das instâncias por onde a ideologia se materializa.

Portanto, busca-se por meio das práticas discursivas das/sobre prostitutas de luxo evidenciar as relações de controle, as condições de produção sociais, históricas e ideológicas, bem com as condições de reformulação dos enunciados sobre seus corpos e de sua sexualidade, “pois para realizar a análise de discurso é preciso ir além do texto e encontrar as condições que o produziram para se ter acesso ao sentido deste” (Caregnato & Mutti, 2006, p. 680).

Além da utilização da análise de discurso, também está prevista para a organização dos dados coletados, a utilização de nomes fictícios com a finalidade de preservar a identidade das participantes, bem como seguir as normas sugeridas pela resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 no que se refere aos critérios éticos para pesquisas com seres humanos.

4. Apresentação dos Resultados e Discussões

Neste tópico foram descritas características gerais das participantes, com a finalidade de possibilitar uma melhor compreensão do perfil a ser analisado. Desta maneira, foram realizadas entrevistas com cinco prostitutas de Luxo que atendem na região de São Paulo. O acesso a elas foi possível por intermédio de uma produtora de conteúdo adulto, bem como, por meio de sites e indicações de pessoas que trabalham na área da prostituição de luxo. O contato inicial com as participantes foi feito via WhatsApp, solicitando a disponibilidade das garotas para uma entrevista. Entrou-se em contato com cerca de 15 mulheres que se autodenominam prostitutas de luxo, dessas mulheres, cinco concordaram em participar da pesquisa de forma voluntária.

Alguns contratempores presentes durante a realização da coleta de dados estiveram presentes no momento de agendar a entrevista, haja vista, a dificuldade de tempo disponível das participantes, coincidindo algumas vezes o dia da entrevista com o dia de atendimento de um cliente e desta maneira as entrevistas precisaram ser reagendadas com certa frequência.

Desta maneira, as participantes foram nomeadas por P1, P2, P3, P4 e P5. Todas são naturais de cidades do interior paulista e residem atualmente em São Paulo capital. Moram sozinhas em apartamentos localizados em bairros nobres da cidade exceto P2, que mora em região periférica, em um conjunto habitacional, o que a priori, a destoa do público alvo dessa pesquisa. A prostituição na Cidade de São Paulo seria mais comum, segundo Grimes (2012) devido o desejo de normatizar as formas de estar nos espaços públicos, considerando que as apropriações do espaço constroem a cidade. Sendo a prostituição uma atividade comumente associada às áreas urbanas, porém não exclusivamente.

A faixa etária das participantes variou entre 20 e 29 anos e o tempo de permanência na prostituição entre 1 a 3 anos, tratando-se, portanto de jovens prostitutas - tanto em relação à

faixa etária quanto ao período de atuação. Sua faixa salarial varia de R\$2.000,00 a R\$12.000; é importante mencionar que nem todas trabalham todos os dias, o que afeta diretamente seus rendimentos.

O quadro abaixo traz um resumo geral do perfil de cada participante:

Quadro 1: Informações gerais das participantes.

| Participantes | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 |
|---|-------------------|---------------|--------------|-------------------|-----------------|
| Idade | 22 | 20 | 25 | 29 | 27 |
| Naturalidade | Osasco/SP | Osasco/SP | São Paulo/SP | Cosmópolis/SP | Penápolis/SP |
| Nível de Escolaridade | Superior cursando | Médio | Médio | Superior cursando | Superior |
| Tempo de Trabalho | 3 anos | 12 – 24 meses | 3 anos | 1 ano e meio | 6 a 12 meses |
| Média de atendimentos por semana | 6 a 9 | 1 a 3** | Acima de 9 | 3 a 6** | 1 a 3 |
| Faixa salarial | 4.000 | 2.000 a 2.500 | -* | 5.000 | 10.000 a 12.000 |

Fonte: coleta de dados realizada nos dias 13, 14 e 17 de setembro de 2017.

* Preferiu não mencionar valores

** Não trabalha todas as semanas

4.1. O processo de Subjetivação na identidade da Puta

Um dos aspectos mais difíceis de lidar em relação à prostituição concerne na criação da persona que a puta assume para desempenhar esse papel. Muitas vezes, fica difícil discernir entre a vida profissional e a vida pessoal, o que contribui para um sentimento de angústia. Por esse motivo, criam-se meios de evitar que a vida pessoal coincida com a

profissional, por exemplo, é comum que a prostituta de luxo utilize de dois números de contato, um para atender clientes e outro para sua vida pessoal.

P1, atualmente tem dois números de contato, um para uso pessoal e outro para o trabalho. Sua preocupação em separar as duas esferas é evidente. Na faculdade em que estuda ninguém sabe que ela é acompanhante, assim como seus vizinhos, apresenta constante tentativa em manter a discrição, evita conversa com outros alunos que não versem sobre a faculdade e nunca participa da vida social de sua turma. Confessa que tenta se mostrar mais segura e confiante no campo profissional do que na vida pessoal. Sua rotina consiste em acordar às 06h00min, ir para a faculdade e concentrar os atendimentos à tarde e à noite, atendendo cerca de duas vezes por dia.

Na contramão dessa ideia, P2 declara possuir apenas um celular, pois, diferentemente de tempos remotos, em que se escondia preocupada em manter sua atividade em segredo, hoje essa preocupação inexistente. Ela afirma orgulhosa, ser conhecida como “*a menina do quarto andar*”, apelido atribuído a ela após a descoberta de seus filmes pela vizinhança.

Confidenciou receber mensagens explícitas e grosseiras e que responde, afirmando àqueles que pretendem ofendê-la que não é porque é garota de programa que deve ser tratada em um nível tão baixo. Garante que a divisão entre vida pessoal e profissional é tão clara para ela que nunca se envolveu com clientes.

No momento tá tudo meio junto, mas eu acho que tem diferença, sim. Eu passo bastante tempo com a minha família, com os meus gatos, com as minhas plantas... Então, ah, pra mim é normal. Pra mim, num atendimento, num filme, eu tento mostrar muito mais segurança do que eu tenho no meu dia-a-dia normal. Mas com certeza tem diferença sim (P2)

Apesar do perfil sensual e fetichista de P3, que tem cerca de 10 mil seguidores em uma rede social, não há nenhum indício claro de que ela seja acompanhante de luxo. Ela se apresenta como modelo em seu perfil e posta fotos com as amigas, em festas, na academia, e de novas as aquisições, além de escrever legendas motivacionais para as seguidoras, que a adoram.

Já P4, busca manter anonimato nas redes sociais e perante a família. É universitária, diz que apesar de nunca ter mencionado, acredita que as pessoas desconfiem de sua ocupação, afinal ela vai todos os fins de semana a São Paulo, sempre tem dinheiro e posta fotos sensuais em suas redes. Afirma não se importar caso descubram sua ocupação, todavia mostra-se apreensiva em relação à profissão. Teme que isso possa afetá-la, quando passe a exercer a profissão para a qual estuda atualmente, especialmente por morar em uma cidade relativamente pequena.

P5 tem vida bastante ativa nas redes sociais, com cerca de 90 mil seguidores em uma rede social e 40 mil em um canal de vídeos, cujos vídeos chegam a 300.000 visualizações. Entretanto, ela me explica que esses canais nada tem a ver com a vida de ficha rosa. Embora os clientes visitem suas redes sociais, quem a conhece em sua vida social, não sabe dos trabalhos como garota de programa. Em seus canais, ela se comporta como uma *digital influencer*¹⁴ e conta sobre viagens, jantares, compras e posta mensagens com caráter motivacional. Tendo acesso a bens de consumo de marcas muito famosas como, por exemplo, sapatos Christian Louboutin, perfumes importados, joias, óculos, etc e postando fotos sempre belíssimas, ela se tornou um ícone de sucesso, tendo, inclusive, um fã clube. Ela conta que evita ao máximo sair com clientes para eventos públicos, pois isso a exporia.

¹⁴ Digital influencers são pessoas que se comunicam através de blogs, vídeos e redes sociais e tem grande influência sobre padrões de consumo e comportamento.

As pessoas que me encontravam no ambiente de trabalho, sabiam quem eu era no meu ambiente social e na minha vida normal. Tanto que eu passava meu número pessoal, tenho canal no YouTube e os meus clientes olhavam os meus vídeos no YouTube, mas no ambiente social ninguém sabia dessa outra vida (P5).

Outro aspecto da construção da subjetividade da puta se refere a construção dos corpos dessas participantes, destaca-se a percepção que o padrão estético das acompanhantes de luxo varia conforme o público que ela atende. P1, por exemplo, enquadra-se em uma categoria chamada BBW, em inglês Big Beautiful Woman – ou mulher grande e bonita. Categoria bastante popular em filmes adultos, a demanda aparece também entre os consumidores de sexo pago.

Segundo P1, grande parte de seus clientes são jovens de no máximo 40 anos, podendo ser mais jovens que ela, inclusive, solteiros e com ensino superior, o que contrasta o estereótipo de que apenas homens casados e mais velhos contratariam prostitutas. Segundo ela, seus clientes costumam ser muito inteligentes “*e tem grana, sabem tratar bem uma mulher*”. Já P3 relata que cerca de 90% de seus clientes são casados e tem ótima situação financeira. Apesar de seu sucesso inicial com os clientes, especialmente por seu tipo mais específico, a chegada de “novidades” no mercado fez com que seu faturamento caísse, fator comum nesse mercado.

Isto posto fica evidente que nesse processo de subjetivação e criação de uma “persona”, a prostituta de luxo também cria um estereótipo condizente com o tipo de clientela que pretende atender. Logo a estruturação do corpo dela torna-se meio pelo qual se irá alcançar os objetivos que as iniciaram e as mantem nesta ocupação.

4.1.1. A Governamentalidade na construção do Corpo da Puta

Nota-se a esse quesito atribuição de grande relevância, pois ele é o que determinará o tipo de categoria que elas irão pertencer. De acordo com Foucault (2006) o corpo é constituído anteriormente ao sujeito, o corpo preexiste em seus discursos históricos e políticos, pois consiste numa superfície moldável sociohistoricamente. Logo, concepções de corpos não são fixas, estão em constante movimento conforme os discursos presentes em determinada época, refletir sobre eles torna-se uma possibilidade de modificação das relações de controle do corpo da Puta.

Pensar na construção desses corpos é partir da compreensão dos mesmos enquanto construtos sociais e gêneros enquanto performativos e não fixos (Lima, 2014). Esse posicionamento pede do pesquisador compreender este corpo como espaço de lutas, resistências, conflitos simbólicos e significados historicamente construídos. O corpo para as participantes é percebido como meio de pertencimento, expressão de sua identidade e tecnologia para alcançar o público desejado. Desta forma, é sabido que o corpo da puta passou e passa por constantes modificações ao longo dos séculos. Tendo como um dos pontos em comum a erotização desse corpo, que é ao mesmo tempo lugar de desejo e pecado.

As construções dos corpos das prostitutas de luxo são o reflexo dos jogos de poder e saber presentes na sociedade e que ditam as normas, as possibilidades de existências dos corpos. Ao se pensar nesse governo de corpos tem de se ter claro que nenhum sujeito está livre do desejo de se criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de controle, normalização e moldagem das condutas das pessoas (Fimyar & Viega-Neto, 2009, p. 38).

Portanto, neste tópico descreveremos o perfil de cada participante, a começar pela P1, que se assemelha a uma *Pin-up*, olhos delineados, boca vermelha, cabelo ruivo longo, pele

branca como porcelana. No dia da entrevista, usava saia lápis bordô, sapatilhas e uma blusa decotada, que valoriza o busto generoso. Sensual e elegante, ela chama a atenção dos passantes quando chega ao local da entrevista. Aparenta timidez – ela confessa o nervosismo com a entrevista – acha muito importante poder contribuir com a pesquisa e quem sabe, diminuir o estigma em relação à sua atividade.

P2 chega de salto altíssimo, calça jeans justa e um top que deixa a mostra seu abdome, magra e alta, usa maquiagem, batom e unhas em tom vermelho vibrante. Falante e agitada mostra-se entusiasmada em contar sua história. O tipo de cliente que a procura são homens mais velhos na fala de P2 “*que gostam de uma novinha, ninfetinha*”. Ao perguntar como se sente em relação ao padrão estético imposto às profissionais da área, diz estar satisfeita com seu corpo, apesar das sugestões constantes para que coloque prótese mamária e afirma não se preocupar com o envelhecimento, já que pretende deixar a profissão em 2 ou 3 anos, no máximo.

As participantes P3 e P4 apresentam traços orientais, cabelo preto, o que difere as duas são as muitas tatuagens que P3 possui um perfil que a classifica como *alt model* (modelo alternativo, fora dos padrões impostos pelo *mainstream*), uma característica marcante de P3 é sua aparência com um anime¹⁵. São sorridentes, gentis e atenciosas, inclusive com a recepcionista da sala comercial onde foram realizadas as entrevistas.

P4 tem 29 anos mostrou-se preocupada com o envelhecimento, pois acredita que seu “cronômetro” esteja marcando o fim de sua validade como profissional do sexo e que, quando cobra “um pouquinho mais caro” se questiona constantemente se o programa valeria mesmo tudo isso. Por outro lado, afirma que o fato de haver homens dispostos a pagar para estarem com ela, contribuiu positivamente para sua autoestima.

¹⁵ Animação que é produzida por estúdios do Japão.

P5 tem um perfil mais próximo do que seria considerado, estereotipicamente, o ideal estético de uma acompanhante de luxo, apesar de se vestir com relativa discrição. Nomeou-se como ficha-rosa, diz que o marketing faz toda a diferença nesse meio. Possui porte de modelo, alta e curvilínea, unhas longas, maquiada, perfumada, cabelos escovados. Apesar de ter várias tatuagens, o perfil é discreto. Usa bolsa Michael Kors e tênis Nike, além de um jeans e uma camiseta que deixa amostra parte de seu corpo.

O nome que eu preferia dar é "Ficha Rosa" [...] Estudando Marketing eu percebi que dava pra cobrar mais usando um novo nome, esse novo nome que estão usando agora como Ficha Rosa... [...] além de escolher se você quer ou não tá com aquele cliente e o cachê é mais alto (P5).

Quando se aborda a questão da construção do corpo para Foucault, compreende-se que este é produzido discursivamente, nele se materializam os enunciados, normas socialmente constituídas. É importante perceber que o corpo discursivo da puta, não é um corpo inerte, simplesmente assujeitado, antes, é também meio de produção de enunciados, ao mesmo tempo em que é produto se faz produtor de discursos (Torrano, 2010). Dito de outra forma, o corpo da puta ao mesmo tempo em que é produto das verdades de determinada época, assume o papel de produtor ao passo que reproduz os ditos sobre ele mesmo.

A primeira coisa que eu fiz, depois que eu comecei a fazer job foi uma viagem, né? Que foi pra comemorar meu aniversário. Logo depois que eu voltei, a primeira coisa que eu falei foi: "Eu vou botar silicone". Então a primeira cirurgia que eu fiz foi botar silicone. [...] Depois de um tempo eu arrumei a orelha, que era meio de abaninho assim, me incomodava um pouco... E há uns 3 meses atrás, logo antes de

ir para China, eu fiz rinoplastia. Fora isso, adoro procedimento estético, sou apaixonada, por mim eu teria uma clínica estética na minha casa. Pessoal para me atender todo dia de manhã... botox já fiz, já fiz preenchimento... (P5).

O corpo assume nesta perspectiva a necessidade de ser sempre atraente, em acordo com os padrões sociais de beleza, bem como atendendo o perfil estético da categoria de atendimento.

Aham. Já. Já falaram. Assim eu sou feliz com o meu corpo, não, eu respeito o que as pessoas achem que eu tenho que fazer, mas eu não aceito, “ah, você é muito magrinha coloca um peito”, não vou colocar porque eu estou satisfeita com o meu corpo, eu não me vejo, esse é meu perfil de ninfeta, eu não me vejo marombada, malhada, não me vejo com o bumbum na nuca... (P2).

Foucault (1982) ao falar sobre o processo de tornar-se sujeito relata que o corpo é o meio pelo qual os discursos serão materializados, o corpo é produto de uma historicidade e nele estão contidos os saberes sobre determinada prática discursiva. Ao pensarmos no corpo da prostituta percebe-se que este corpo não é um espaço vazio, opaco de significados, e, sim um corpo que se produz em jogos de verdades que irão determinar o que é atrativo ou não dentro da lógica estabelecida.

Outro relato de P1 e P5 revela que ambas as participantes sofreram bullying na escola. P1 sentia-se rejeitada pelas outras crianças, o que fez com que ela mergulhasse nos estudos e vivesse na biblioteca, uma espécie de refúgio, lendo tudo o que podia. Começar a trabalhar como acompanhante de luxo, para ela, foi uma possibilidade de melhorar sua autoestima. Enquanto na escola os garotos a repeliam, na profissão, passou a ser valorizada.

Sempre estudei em escola pública, sempre fui nerdzona, assim, sempre gostei de coisas diferentes. Sempre fui tímida, porque eu sempre fui gorda e rejeitada na escola, mas tinha amigas, normal. [...]Porque desde que eu comecei a atender eu sempre.. nas boates, nas clínicas, nas privês, sempre trabalhei muito bem, sempre, sempre. Todos os dias eu atendia. Nessas boates, nessas casas tem meninas muito lindas, muitos magras, muito saradas com silicone, é cabelão, todas muito lindas e eu ficava pensando, nossa que quê eu tenho. Sabe? Eu sou... me sinto tão feia, sou gorda mas o cara quis sair comigo, mas eu ganhei mil à outra ganhou 100,00 (P1).

Ela alega ter se surpreendido com o seu sucesso de público e financeiro, comparado ao de outras garotas que, segundo ela, estariam muito mais próximas de um ideal estético de perfeição. Paradoxalmente, confia que muitos sites, os mais famosos, não aceitam garotas com mais de 69 kg, o que a obriga a anunciar em sites mais populares.

Já P5 conta que sofria bullying quando era adolescente, por ser muito magra e “esquisita” e que quando se sentiu mais “mulher”, passou a ser mais vaidosa e que a fotografia a ajudou a desenvolver seu lado sexy e estiloso. Relata ainda que, sem se dar conta, quando entrou para prostituição passou a ter uma vaidade extrema, algo que ela vem tentando remodelar inclusive em seu perfil em uma rede social, buscando um estilo menos sensual, pois “o conteúdo é mais importante do que beleza” P5.

Esse sentimento de inadequação pode ter contribuído para a entrada na prostituição se o objetivo dessas participantes era ser amadas, desejadas. Autores como Le Breton (2010), afirma que na pós-modernidade “antes de tudo a existência é corporal”, Alves (2012) citando Poter (1992) afirma que o “corpo é uma construção simbólica” onde desde o final da era Moderna ele passa de categorização diagnóstica para a visão atual de adequação e

intervenções corporais visando atingir o “corpo perfeito”. Sendo esse corpo o reflexo do que seus clientes desejam.

P5 revela que no afã da perfeição estética, confessa ter colocado prótese nos seios, cirurgia corretiva nas orelhas, rinoplastia, botox, preenchimento facial e que gasta muito com procedimentos estéticos em clínicas de massagem. Quando perguntada sobre envelhecimento ela garante que não sente medo, afirmando gostar mais de sua vida a cada ano. Entretanto, em outro momento da entrevista, menciona o “pavor” em chegar aos 40 anos trabalhando como outras garota de programa, pois estaria com 20 anos de profissão, como relata a seguir “*cara, eu não posso permitir que isso aconteça na minha vida*”.

P3 menciona que, inicialmente, seus clientes eram, na maioria, orientais, mas depois o público tornou-se diversificado, com forte demanda fetichista, enquanto os clientes de P4 apresentam um perfil mais tradicional.

P5 apresenta clientes mais velhos na faixa de 35 a 50 anos, geralmente executivos e empresários, donos de carros de luxo, relógios caros. Os atendimentos ocorrem nos hotéis mais caros de São Paulo e nos motéis mais luxuosos.

Quando perguntamos sobre como as participantes se identificam para os clientes, notou-se que, nenhuma das participantes se denominava de “Prostituta de Luxo”, sendo “Acompanhante de Luxo”. a nomenclatura mais utilizada. P1 sugere que o termo seria uma estratégia de marketing e que as garotas que se inserem nessa categoria teriam um diferencial, algo a mais para oferecer.

“são meninas educadas que sabem lidar com clientes que se atraem pelo luxo e podem pagar por um atendimento um pouco mais caro, porque querendo ou não, um cliente que paga R\$ 20,00 num atendimento, é diferente do que paga R\$ 500,00 ou R\$ 300,00.” (P1)

P1 diz usar esse termo justamente pelo desejo de atrair clientes que tenham poder aquisitivo maior, que possam pagar seu cachê sem reclamar e afirma que o dinheiro, além de ser importante, faz com que a mulher se sinta atraída. Ela vai além e explica:

“É, eu acho que talvez o cara associe o valor que a gente cobra com a nossa inteligência, digamos assim, ne? Porque não tem nada a ver... eles acham que uma menina que cobra R\$500,00 a hora, ela é super... Ela com certeza vai saber muito mais os direitos dela. Se ela for agredida, se o cara tirar a camisinha, se o cara falar alguma besteira pra ela, mas a que cobra R\$10,00, R\$20,00, que é cracuda da Luz, o cara vai bater nela e vai ficar por isso mesmo” (P1)

Já P2 afirma preferir essa denominação em detrimento do termo garota de programa ou outros termos que designem o mesmo tipo de trabalho.

“porque a sociedade é muito preconceituosa... a sociedade ainda é bem chata em relação a isso” (P2).

Essa visão social pejorativa da puta, como mulher de “vida fácil”, moralmente depravada ou de índole duvidosa, é decorrente da propagação de um discurso, que permite a mulher apenas uma vivência relacionada ao cuidado maternal, do lar e submissa a uma figura masculina (Ferreira, 2010).

Para P3, ser acompanhante de luxo tem mais a ver com o bom atendimento, do que com o pagamento em si. Considera fundamental educação, carinho (é importante que o atendimento não seja mecânico), sofisticação - tanto no linguajar quanto na maneira de se

vestir. A magreza seria outro aspecto muito importante para ela, relacionado à elegância. Logo, garotas muito musculosas ou avantajadas não encarnariam o papel da acompanhante de luxo. Ela menciona o caso de garotas que chegam a cobrar mil reais e cujo atendimento é péssimo. Para ela, esse tipo de atendimento, que carece de qualidade, não teria relação com “luxo.”

Diferentemente das outras garotas, P5 prefere identificar-se como “ficha rosa” e explica:

“Estudando Marketing, eu percebi que dava pra cobrar mais usando um novo nome. Esse novo nome que estão usando agora como ficha rosa, que permite escolher se você quer ou não tá com aquele cliente e o cachê é mais alto.”

P5 relata que a escolha dessa denominação auxiliou, inclusive, no momento de contar para sua genitora. Essas afirmações corroboram ao entendimento que se referente a postura que o sujeito adquire ao exercer determinada identidade, bem com, reflete as relações de poder e saber presentes em tais denominações, fazendo com que as novas nomenclaturas (enunciados) surjam reformulando os discursos sobre quem é a prostituta de luxo,

“Olha, eu pesquisei aqui na internet o que é ficha rosa. Tudo bem vou te apoiar...”

“Porque falar “mãe, eu vou virar garota de programa” acho que ela ia ficar um pouco chocada. Existem mil maneiras de dizer a mesma coisa, né? Tem que escolher a melhor”. Essa costuma ser uma denominação usada para designar modelos e atrizes que fazem programas eventualmente, expondo-se minimamente.

A prostituição seria então essa atividade fruto da ociosidade, preguiça, desejo desmesurado de prazer, do amor, ao luxo, decorrente de uma miséria financeira, desprezo pela religião, falta de educação moral e do temperamento erótico da mulher (Rago, 1991). A busca por um termo que não carregue toda uma carga de estigmatização seria uma possibilidade de dissociar-se da compreensão degradante da mulher puta. Para Foucault (2010) em toda a sociedade a produção de um discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

4.2. Condicionantes para entrada e permanência na prostituição

Quando pergunto como P2 começou a fazer programas, ela me diz com muita naturalidade:

“Bom, eu era casada e aí entrou a crise financeira e eu já tinha uma malícia, desde quando eu era mais nova, menor de idade, aí eu falei, quando eu fiquei maior de idade, "amor, já que não tá dando, vou fazer programa...".(P2).

Decidida a mudar de vida, P2 terminou o relacionamento quando tinha 18 anos e passou a procurar nos jornais boates nas quais poderia trabalhar e passou também a frequentar uma na região central de São Paulo. Lá, ela conheceu um cliente fetichista, que sugeriu que ela gravasse vídeos direcionados a esse público. Ela, então, encontrou uma produtora internacional especializada nesse tipo de conteúdo e seguiu também com os

programas; foi nesse período que conheceu um famoso produtor de filmes adultos explícitos e passou a contracenar em suas produções.

Ao ser perguntada sobre sua Sexualidade, sobre o interesse por sexo, ela responde que sempre foi ligada no assunto, tendo “malícia” desde os 10. Sobre a primeira experiência sexual, diz:

“Eu ficava na frente do espelho abria as pernas e falava "meu deus"... Ai antes de eu fazer 13, estava perto de fazer 13, teve o aniversário do meu primo. Eu lembro que todo mundo bebeu, eu tinha 12 anos bebi, bebi, bebi, bebi, mais que todo mundo, aí minha prima começou um assedio, ela e eu, aí eu ficava, "ai meu deus e agora?". Ela ficava me assediando, ela gostava de mulher, e eu não tinha malícia de mulher com mulher”.

Ela conta que a prima tinha 20 anos e que chamou também o namorado para participar. Quando pergunto se ela gostou da experiência, diz que ficou assustada por não imaginar que seria assim. Pergunto se ela consentiu, fato que talvez a bebida dificultasse lembrar:

“Eu tentei falar que não, mas a curiosidade falava mais alto, eu falava "ai mais como?" dava uma de louca: "mas como a gente faz isso e não sei o que". Aí sei que teve uma hora que disse "deixa, vamo”.

De toda forma, P2 considera que a experiência “agregou”.

Eu comecei na boca do lixo total, assim, de baixo, de baixo mesmo. Eu morava em Mogi das Cruzes com a minha mãe e com as minhas irmãs e trabalhava e fazia faculdade aqui em São Paulo. Então todos os dias eu acordava 4h40 da manhã pra entrar as 8 no serviço e ficar até às 2 da tarde. Passava a tarde inteira ou na USP estudando ou fazendo algum curso e as 7 eu ia pra faculdade. Eu saía de lá às 10, chegava em casa quase meia noite (P1).

P1 confessa ter começado “na boca do lixo”, morava no interior de São Paulo com um salário de R\$1.200. No percurso de casa, havia uma boate, onde começou a trabalhar após perder o emprego.

Isso. E todo dia quando eu chegava em Mogi, no caso, na estação, passava por uma rua, né? Pra pegar o ônibus. E tinha uma boate que eu sempre passava e o segurança sempre mexia comigo. Falava “Oi, boa noite, tudo bem?”. E eu ficava olhando, assim, né? Eu passava e olhava. E aí um dia, quando eu já estava desempregada, estava fazendo entrevista aqui em São Paulo, eu passei lá de noite e aí na hora que eu parei na porta uma menina gritou assim “Pode entrar que tem vaga!”. (P1)

Em relação à sua sexualidade, confessa que aos 11, 12 anos assistia aos filmes adultos que passavam de madrugada na tv aberta e que, conforme os amigos na escola falavam sobre o assunto, foi crescendo sua curiosidade. Sua primeira relação sexual só ocorreu aos 18 anos e ela considera a experiência ótima, embora tenha ficado envergonhada.

P3 ao relatar sua vida na prostituição diz nunca cogitar essa possibilidade, devido sua história de vida. Afirma que era inocente antes de morar em São Paulo e sua entrada na

prostituição se deu devido o termino do relacionamento, e a dificuldade de auto sustento na cidade.

*“Estava sem um real no bolso. E ai, ele realmente me deixou sem um real no bolso. Ai eu fiquei algumas horas no metro sentada chorando, sim, "meu deus me leva" e ai... eu mandei mensagem para um amigo meu e ele falo assim "meu eu conheço uma menina que está na mesma situação que você não tem onde morar ai ela está no "savoi" *risos* calma, ai você vai lá que ela vai te abrigar pelo menos essa noite” (P3).*

Por indicação de um amigo, que conhecia uma garota em situação similar à de P3, ela dirigiu-se a um local, onde a garota estava hospedada. Há alguns hotéis em São Paulo, conhecidos por funcionarem como motéis, abrigando, inclusive, as profissionais. P3 se lembra de ter visto a garota em algumas fotos, em trabalhos de modelo, sem cogitar qualquer ideia sobre sua profissão.

“ela era muito louca e totalmente diferente da minha realidade. Eu era do interior e toda certinha sabe? Eu perguntei “ah você trabalha com que? Porque você ta morando aqui no hotel? Seus pais te ajudam? [...] Ai ela falou assim "não, eu faço programa" e ai foi ai um choque. Ai ela falou assim "ah tem um cliente, se arruma que tem um cliente meu ai embaixo, num quarto ai embaixo e ele... a gente vai falar oi para ele" ai eu tonta foi lá me aprontar [...] Fui lá falar oi pro moço. Cheguei no quarto, era um velho e ele falo assim "ahhh eu gostei dela" e ai ele falo assim "deixa ela ficar aqui" e ai eu já olhei para ela, ela falo assim "ta bom" saiu, fechou a porta e eu fiquei sozinha com o velho. E daí pensei assim "meu deus já num tenho onde ficar, num tenho dinheiro, como que funciona isso, não sei como funciona isso, é só transar com ele?

[...] eu era tão tonta que eu não sabia como funcionava. Não sabia quanto cobrava”
(P3).

P4 conta que começou a se prostituir pelo incentivo de P3, que justifica:

“Eu que incentivei ela a cobrar porque estava perdendo dinheiro” (P3) e a irmã emenda “Eu me arrependo horrores de não ter cobrado no primeiro...porque, óh, vou falar pra você” (P4)

P4 reside no interior do Estado de São Paulo, onde faz faculdade, vem a cidade de São Paulo aos fins de semana para trabalhar, sua renda resume-se a sua atividade

“Eu não me arrependo nem um pouco, porque eu trabalhava de balconista. Gente, a gente ganha melhor que médico”. (P4)

Outro fato que teria influenciado sua decisão de se tornar acompanhante seria a glamourização midiática:

“as meninas ganham rios de dinheiro, compram seus carros e casas, viajam, fazem a vida, ganham 30 mil reais por mês.’ [...] então gente, eu posso ganhar dinheiro com alguma coisa que eu goste de fazer, porque não tentar?”(P4)

P3 foi uma espécie de mentora da irmã, explicando prós e contras e ensinando-lhe os macetes da profissão. O primeiro *job* da irmã foi um cliente de longa data de P3:

“Então, eu escolhi um bem bonzinho ainda pra ela ir. Olha como sou querida! Risos”

Ela chega a atender cerca de 4 clientes por fim de semana, faturando R\$1.000 – R\$1.500,00. P4 relata que sua criação foi muito rígida e coercitiva, seus pais tinham muitas dificuldades na vida de casal e acabava por refletir na criação dos filhos. Outros fatores que influenciaram na entrada de P4 são:

“Primeiro assim porque eu estava precisando de dinheiro. Dinheiro e eu acho que toda mulher, no fundo, no fundo, tem aquela fantasia de que "nossa uma pessoa pagar para fazer sexo comigo [...] A auto estima dá uma né? Uma pessoa pagando para sair comigo, faz questão de sair comigo e ainda pagar. E então eu acho que essa fantasia sempre teve na minha cabeça. [...] também a mídia influencia muito, tem muitas matérias que depreciam essa profissão, tem por outro lado muitas matérias que... é... dão um certo glamour nessa profissão, as meninas que ganham rios de dinheiros, comprar seus carros e casas, viajam, fazem sua vida, ganha 30 mil reais por mês, aí escutava e assistia essas matérias, "então gente eu posso ganhar dinheiro com alguma coisa que eu goste de fazer e porque não tentar?" E a P3 já estava nessa” (P4)

P5 ao descrever sua sexualidade diz masturbar-se desde os 7 anos de idade, sua primeira relação sexual foi aos 15 anos, começando a fazer programas aos 26 anos. P5 está em São Paulo há 7 anos e conta que veio com um namorado, com quem tinha uma empresa de produção de fotografia. Quando o relacionamento não deu mais certo, ele disse que ela poderia ir embora, desde que não levasse nada. P5 morou em vários lugares, em um desses, conheceu uma garota que fazia programas o que despertou curiosidade. Nesse período passou a namorar uma pessoa, pelo que ela denominou, de “regalias financeiras” sendo a diferença

entre o namorado e a prostituição o fato de no namoro ter alguém que ‘deveria dar explicações’ sobre sua vida.

“Bom...então eu já estou fazendo sexo por dinheiro, só que to tendo alguém me cobrando algumas coisas que eu não quero dar” (P5).

Trabalhou em boate na cidade de São Paulo onde cobrava em torno de R\$800 a R\$1.000, podendo variar em dias mais fracos para R\$600, mas nunca menos do que isso. Atendia de 10 a 12 pessoas por semana e seu faturamento chegava a 20 mil reais por mês. Aos 6 meses de trabalho na boate, conheceu um cliente que lhe faria uma proposta “irrecusável”, oferecendo o mesmo valor mensal para que ela o atendesse com exclusividade. A proposta pareceu ótima, até porque o ambiente da boate começou a ficar exaustivo para ela. Durante dois meses ela conseguiu cumprir com o combinado, mas começou a se sentir enojada, comprada pelo cliente, que exigia dela mais que uma relação profissional, um afeto que ela não se sentia disposta a dar. Voltou a atender disposta a ampliar seu círculo de clientes. Para isso, passou a entrar em contato com bookers, através do facebook e de indicação de amigas.

De volta à prostituição, no que ela chama de *fase 2*, que durou cerca de 4 meses, focou em atender apenas clientes indicados por bookers, por estar cansada do ambiente da boate. Passando a cobrar entre R\$1.000 e R\$1.5000, o faturamento caiu para 10 a 12 mil reais, dividindo cerca de 20% a 30% de seus ganhos com os agenciadores. De todo modo, ela garante que a qualidade de vida melhorou. No momento atual, mora sozinha e tem um cliente que a ajuda com 10 mil reais mensais para que não precise mais atender clientes (o que ela acha ótimo) e para que possa focar em sua coleção de roupas, em cuja realização ele colaborou bastante.

Quando se fala na relação monetária existente no mundo da prostituição, nota-se que essa questão é percebida com relevância pelas participantes. Estudos como de Prado (2016) relatam sobre a preponderância do fator econômico para adentrar e permanecer na atividade. A liberdade e flexibilidade proporcionada pela ocupação também influencia na permanência na prostituição, na medida em que as participantes relatam trabalhar em dias e horários em que desejam, sem necessariamente uma obrigatoriedade que outros tipos de trabalho não possibilitariam.

“Se eu quiser, hoje posso chegar em casa e dormir até amanhã. Ou não trabalhar, ou se eu quiser eu trabalho”/“Ter liberdade de horário, não ser escravo de patrão, ter todo o dinheiro pra mim, não pagar imposto” (P1).

“Faço a hora que eu quiser, descanso a hora que eu quiser. Ninguém manda em mim, ninguém ... pago sapo de chefe nenhum, essas coisas” (P3)

“Você sabe que quando eu estou com dor, eu até brinco que eu preciso pegar em dinheiro. É verdade...acho que já fizeram uma pesquisa sobre isso de tocar dinheiro” (P3).

“[...] depois que eu comecei a trabalhar eu nunca tinha ganhado tanto dinheiro em qualquer outra coisa que eu tenha feito antes e aí eu acho que isso me... me faz assim ter um certo receio de deixar isso um dia. Eu não sei até quando vai durar, não vai durar para sempre, porque beleza acaba. Tudo acaba. E... juventude acaba, enfim. Mas eu acho que vai mais isso, uma curiosidade, dinheiro também, falta de dinheiro” (P4).

O dinheiro representaria um lugar de poder para as participantes na medida em que tê-lo lhes permite um sentimento de poder. Na perspectiva da análise de discurso, pode-se afirmar que a sensação de poder é relacionada ao dinheiro devido uma visão socialmente estabelecida na qual o dinheiro figura como elemento central de felicidade, e bens de consumo. Ele seria então o meio pelo qual todas as necessidades do sujeito seriam atendidas. Foucault (1982), no entanto, descreve o poder como algo em constante movimento, poder não está em uma coisa fixa, e sim nas relações que põem em prática. Nesse contexto, o poder não estaria ligado ao dinheiro em si, mas sim a valorização, um status social atribuído a ele, como verifica-se nos relatos abaixo:

“hoje em dia tem muitos caras que...só saem comigo, não porque me acham linda, maravilhosa, mas pelo que eu cobro. Entendeu?” (P1)

“A minha ideia no começo era que como eu vim de uma família muito pobre, de classe média baixa, eu sempre queria, sei lá, uma calça jeans e eu não tinha dinheiro. Minha mãe não podia me dar, ou sei lá, me dava um tênis por ano e eu queria fazer minhas coisas e não tinha como. Eu sempre pensei de uma maneira meio fútil...vou gastar, sei lá...num vestido de R\$300, tal coisa de tantos reais. Foi um motivo meio fútil, querendo ou não”. (P1)

“Eu gostava de ficar contando o dinheiro, às vezes eu não gastava e ficava assim óh (faz um sinal com as mãos), só contando...” – poder do dinheiro “Ligava pra diarista e falava “hoje eu não quero limpar a casa” e ela ia lá limpar pra mim” (P2).

“hoje em dia eu penso no que eu não fiz no passado, para tentar fazer hoje. Se eu tivesse guardado tudo que eu tivesse ganhado, estava tranquila, tinha comprado outra casa, comprado outro carro, tirado minha habilitação (...) então hoje a minha motivação mesmo é só minhas contas”. (P2)

P3 relembra a situação vexatória vivida com um ex-namorado evidenciando de forma clara a posição de poder adquirida com o dinheiro advindo dos programas:

“Inclusive eu acho que quando ele soube que eu estava morando na Oscar Freire ele deve ter dado um pulo dessa altura. Porque ele deixa uma menina que saiu lá da roça, sem pai, sem mãe, sem emprego, sem conhecer ninguém no meio da rua do nada a menina está lá em cima, morando em um lugar melhor que o dele” (P3).

Na contramão dessa visão de poder a falta do dinheiro seria caracterizado como algo negativo, já que remeteria não ter condições de manter suas necessidades. P5 relatou que havia começado uma poupança, sua meta era juntar R\$ 200,000 mil reais e já tinha conseguido a metade quando decidiu começar um relacionamento amoroso que levou consigo R\$ 90,000 mil reais.

“Quando vi que meu dinheiro estava acabando... que tinha só uns 10 mil na minha conta, pensei perai...”(P5)

“Não. Coisas de luxo? Não, jamais. É muito dinheiro investido em coisa fútil. Alguém tem que me dar isso, sempre foi meu pensamento...” (P5)

O fator dinheiro é algo que contribui para a permanência das participantes na prostituição na medida em que garante sua independência e possibilita a realização de seus desejos, esse fator também é percebido como algo positivo pois para todas as participantes relataram o quão sentem-se felizes ao poder arcar com suas necessidades, e terem a liberdade de exercer sua ocupação de maneira que julgam melhor, sem a cobrança em cumprir determinado horário.

4.2.1. E o prazer nosso de cada dia?

Quando se abordou o aspecto do prazer durante a realização do programa as participantes deram as seguintes respostas

“Não consigo gozar com cliente. Eu consigo gozar se eu estiver em um momento casual e se alguém, se a pessoa me permitir gozar”. (P2)

“mas eu não tenho uma preferência, não sei dizer o que eu gosto no sexo” P2

P1 também não faz questão de ter orgasmos. Ela acredita que o cliente paga para que elas finjam e executa sua parte na trama. Para P5, a situação pode ser levada com bom humor. Ela diz a verdade, mesmo quando não goza, mas que isso é tratado de forma leve e divertida; o fato de não ter tido um orgasmo não quer dizer que não tenha sentido prazer. P1 afirma que só faz alguma sugestão de sentir orgasmos se tiver alguma intimidade com o cliente, mas que não considera seu prazer um elemento importante na relação profissional,

“o importante é que ele tenha gozado, sai feliz e mão enche o saco [...]. Sinto prazer 65% das vezes” (P1)

O meu único roteiro mental, quando na hora de fazer um job, era... As coisas precisam fluir bem... Do começo, do meio e do fim, entendeu? Então você, eu precisava chegar e fazer com que ele se sentisse desejado... Sempre rolava uma conversa, um vinho... E aí depois o sexo tinha que ser... Tinha que rolar legal, também... Sem aquela coisa forçada e... Eu fazia o cliente se sentir desejado mesmo. E depois do sexo, tinha que ter o pós também, que não fosse criar um ambiente esquisito, entendeu? Então sempre depois tinha um momento de conversa... (P5)

Prado (2016) afirma que a desvinculação do prazer ao ato sexual pago, pode estar relacionada a crença do prazer ligado ao amor romântico. Nessa ótica só seria viável o sentir prazer se ele ocorresse num ato sexual dissociado à relação monetária. Desta maneira Villela e Arilha (2003, p.98 citado por Prado, 2016) afirmam:

O ato sexual, como produção humana, é permeado por vários significados, como o prazer, o desejo e a vontade. As experiências humanas possuem uma bagagem subjetiva, que apresentam-se ancoradas nas sensações corporais, nos pensamentos, nos discursos e na ação propriamente dita. Assim, a sexualidade humana é representada pelo “conjunto de fantasias e ideias que cada um constrói sobre si e para si em função daquilo que supõe levar ao gozo

Questionaram-se as participantes sobre mecanismos que utilizam para tornar o programa prazeroso para si e para os clientes. P2 é categórica declarando não gostar de se

masturbar, nem ver filmes. Enquanto para P5, P3 e P4, é importante sentir prazer e quando tem certa intimidade com o cliente, chegam a fazer sugestões.

“Assim...eu tento agir o mais natural possível, tipo, meu estilo, faço tipo a namoradinha “ai, amor, vamos tomar um banho?” “vamo!”. Aí já começa agarra agarra no banho, já vai pro quarto e...”. P2

“Durante o sexo, eu tentava ser uma garota normal, não uma garota de programa, entendeu?” (P5)

Todas as participantes confidenciaram que a maior parte de seus clientes são cuidadosos e gentis com elas e preocupados em agradá-las sexualmente.

“Tem bastante cliente que é tranquilo assim. Carinhoso, te respeita como mulher, não como garota de programa, então eles se importam. Ficam “ah, você tá bem assim? Você gosta assim? Como é que você gosta?...” (P1; P2;P3;P4;P5).

O relato de P3 vai além e garante atender clientes com os quais ela poderia contar em caso de necessidade

“...os clientes me tratam muito melhor que qualquer cara normal. É impressionante. Eles são muito mais carinhosos. Se eu precisar de alguma coisa, eu tenho certeza que eu posso ligar pra qualquer um ‘viu, to precisando de tal coisa. Voce pode me ajudar’ Eles vao correndo, feliz da vida em ajudar” (P3).

Quando o assunto é prazer P3 e P4 relatam que sua dificuldade está ligada ao fato de ambas apresentarem depressão. P4, diferente de P3 faz uso de de remédios antidepressivos que prejudicam sua libido, diminuindo significativamente seu desejo. Deste modo, ela prefere parar de tomar um pouco antes de vir pra São Paulo fazer os atendimentos

“Porque eu gosto assim de no meu atendimento, de sentir prazer também. Porque nossa, imagina só, você não fica com lubrificação, você não ta gostando da coisa, ta doendo porque quando você...ne? Não tem como” (P4).

P3, apesar de sofrer de síndrome do pânico e depressão, relata que a escolha em não tomar remédios é devido a preocupação em manter o controle do que está fazendo, já que o remédio a deixa desconectada. P3 explica que seu objetivo, quando está atendendo, é que a pessoa saia apaixonada por ela. Para isso, ela se transforma em quem a pessoa quer que ela seja, buscando estar totalmente disponível, não apenas sexualmente, mas intelectualmente. Ela parece a mais preocupada com o bem-estar emocional do cliente

“Eu me importo muito com a pessoa. Como eu sou uma pessoa...eu me sinto fetichista...eu me importo com a pessoa, de descobrir o que ela gosta, qual que é o real fetiche dela e da onde vem isso.”(P3)

4.3. As dificuldades “inerentes” a ocupação: relacionamentos amorosos

Uma das dificuldades encontradas por mulheres que desempenham esse tipo de trabalho é em relação à afetividade. Todas as entrevistadas relataram embaraço em manter um relacionamento, temendo a repercussão de seu trabalho e na maioria das vezes que

viveram um relacionamento tiveram que abrir mão do trabalho, como verificamos nas falas das participantes a seguir:

“Tenho, tenho preguiça. Porque eu sei que.. É sempre aquele drama, aquele mimimi sabe? Eu não tenho, eu tenho preguiça até de conhecer outros caras fora disso. Tenho muita preguiça. Porque sempre vai rolar alguma mentirinha e depois você acaba meio se contradizendo e vai ter que falar e fica aquele drama e o cara quando você fala direto que você é GP...”[...] No momento não tenho mais essa energia para isso, talvez por causa do meu último relacionamento, não tenho mais esse animo de ter um namoro de ficar com alguém. (P1)

“...eu estava nessa situação de querer parar o trabalho por causa de amor, aí eu ficava indecisa...aquela angústia. O que eu faço? Em cima do muro...fiquei várias vezes triste, já tive depressão por causa disso, entendeu?”(P2)

“vai ser difícil eu conseguir me relacionar com alguém porque querendo ou não é uma coisa que...é muito difícil conseguir manter, as duas vidas. Você se relacionar com uma pessoa e você aceitar que você se relaciona por amor com uma pessoa, mas você transa com outras por dinheiro e pra pessoa também é muito difícil aceitar a namorada, noiva dele, a esposa transa com outros caras por dinheiro”(P5)

A fala das participantes demonstra a introjeção do discurso religioso, onde acredita-se que o sexo fora do casamento é pecaminoso, inconcebível, pois o ato sexual deve ser realizado dentro de uma relação monogâmica e normativa (Foucault, 1994). É importante

evidenciar na fala de P1 e P2 essa propagação de uma crença, de uma legitimação do próprio dito que as aprisiona e atribui caráter pejorativo as suas vivências ocupacionais.

Com muito pesar, P2 terminou o relacionamento e voltou a trabalhar. Hoje em dia namora há 3 meses com um vizinho, que conhece sua vida profissional pelos boatos da vizinhança e a respeita. É motivo de orgulho para ela que o namorado e seu filho se deem muito bem, mas ela mostra reservas em relação ao futuro da relação “*ele, tecnicamente, me ama*”.

P3 não respondeu ao questionamento sobre relacionamentos. P4 tinha um relacionamento amoroso, mas acabou se apaixonando por um cliente e acabou terminando o relacionamento.

“Tive um relacionamento com uma pessoa mais velha, ele é de lá da minha cidade também, a gente se relacionou, namorou, mas não deu certo” (P4)

P5 omitiu de seu ex-namorado que fazia programa, por receio do término da relação.

“No começo eu nem tive coragem de falar e depois de 2 meses ele descobriu e foi bem chato. [...] na verdade era, tipo assim, se eu contar eu corro risco disso virar uma merda, entendeu? Então como eu decidi não fazer mais, eu não tô mentindo, eu estou omitindo, uma parte que já aconteceu” (P5)

Sobre a vida social as participantes relataram que não saem com frequência de casa, tem poucas amigas (a maioria lhe deu as costas quando soube de sua ocupação) e algumas colegas de profissão, com quem intercambia jobs. Adora ficar em casa lendo, vendo filmes, comendo, etc. Outro estereótipo frequentemente relacionado a prostituta é a do “cliente

salvador”, que quer tirá-la daquele lugar, dando-lhe uma vida “digna”. Quando lhe pergunto sobre sua reação caso chegasse um homem que ocupasse esse papel, ela é categórica:

“Então, eu não penso em um príncipe que vai me deixar acomodada em casa. Eu gosto de ter a minha independência, de ter o meu dinheiro, gosto de sair a hora que eu quiser, só que eu gosto de afeto. Então não espero um príncipe que diz “vai, vamos sair do seu trabalho e vem morar comigo”” (P2)

Houve um período em que ela se aventurava em aplicativos de relacionamento, como uma válvula de escape, poder sair com alguém sem que fosse pelo dinheiro, sem obrigação, mas considera complicado hoje em dia, por ser uma figura pública

“Tipo, o cara tem que ser muito foda para aceitar isso, entendeu? Não é qualquer um que vai ser homem suficiente pra gente (...) Eu acho que nenhum cara vai me querer, nenhum cara vai me assumir, eu nunca vou casar. Filho então? Eu descarto totalmente.” (P1)

Sobre a vida social, P1 diz gostar de ficar em casa com seus gatos, mas também sai de vez em quando, apesar de seu círculo de amizades ser muito restrito. Quando pergunto o que gosta de fazer

“Eu gosto de me masturbar, gosto de ficar na internet, fazer dança do ventre, gosto de cultivar cannabis, cozinhar, ficar com a minha família, ir pro shopping, etc”.

P3 chegou a se relacionar por um ano com outra pessoa, mas nada sério. Ela me explica se tratarem de duas personas e posturas extremamente diferentes: a vida profissional e a vida pessoal e usa como ilustração a história de um garoto que conheceu em uma rede social, e que a convidou para ir ao teatro. Perguntou que bebida ela gostava e quando foi até sua casa encontra-lo, ele a levou até o terraço, deu-lhe champagne e fez com que ela se sentisse obrigada a transar com ele.

“Logicamente, ele não me levou ao teatro. Quando saí de lá comecei a soluçar e a chorar muito. Foi um estupro...foi estupro”.(P3)

“Eu fico muito triste de ter perdido a minha inocência, no momento em que eu fui colocada na rua. Porque eu era uma pessoa que não sabia nem pegar metrô, nunca tinha visto prédio, muita coisa. Eu era aquelas pessoas do interior que falavam “Olha! Tal coisa não tem no interior...”e quando eu fui colocada na rua, parece que toda a minha inocência parece que foi...acabou assim.”(P3)

P3 afirma se sentir muito cansada ultimamente e tem pensado em abrir uma loja de flores. Ela acredita que esse sentimento seja causado pelo desejo de ficar com o atual namorado, mas que não pararia por ele e sim por ela, que está saturada do trabalho

“Dar um tempo disso (dos atendimentos) pra ver, pra eu voltar com mais gás por exemplo, sabe?”[...]“Eu não gosto de me sentir puta, sabia? É verdade. Daqueles caras que te tratam “eu to te pagando” (P3)

Já P5 expõe a dificuldade de relacionar-se devido à construção da imagem da puta para a sociedade em geral, é como se por ser puta a ela seria negado do direito de estabelecer relações afetivas, bem como a ausência de remuneração fosse um empecilho

“Uma puta nunca vai deixar de ser puta. Você sempre vai se ver na necessidade e você vai voltar a fazer” (P5)

Hoje em dia, ela se diz focada unicamente em ganhar dinheiro e que não há espaço para relacionamentos em sua vida. Por outro lado, confia o sonho de construir uma família.

“casar na praia, de ter dois filhos...Aquela coisa bem tradicionalzinha que eu não tive na minha infância, eu quero...tem famílias que te ensinam o que fazer e tem famílias que te ensinam o que não fazer, né? Tudo o que eu aprendi com a minha família é o que não vou fazer. Eu quero uma família muito bem estruturada, entendeu? Quero ter filhos, quero viajar com a família, quero envelhecer com a família, quero ter um amor mesmo...” (P5)

A crença das participantes na impossibilidade de manter um relacionamento amoroso devido sua atividade, pode estar relacionada a visão judaico-cristã do amor. Desde a era medieval acredita-se que o ato sexual deve ser concebido dentro das relações monogâmicas, maritais na perspectiva da reprodução da espécie (Foucault, 1994; Hirata, 2009). Nessa lógica exercer uma atividade onde o sexo figura como troca monetária não haveria espaço para trocas afetivas, sendo a constituição de uma família condicionada a ruptura da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se optou pela pesquisa aos moldes da análise do discurso sabíamos da necessidade de realizar uma espécie de genealogia da imagem da puta. Esse processo nos possibilitou a compreensão das relações de poder que perpassam tal vivência, sendo possível afirmar que a puta como figura abjeta foi um projeto, uma construção com início nas civilizações antigas, sendo essencialmente, seu caráter insultuoso ligado ao controle e dominação da sexualidade feminina, inicialmente perceptível com a mudança da sociedade matriarcal para a patriarcal, onde paulatinamente deixa-se de valorizar o papel da mulher em decorrência da exaltação masculina. Posteriormente no apogeu da Idade Média a repressão e o controle sobre a sexualidade feminina sofrem um processo de exacerbação, com a institucionalização do casamento e a constante tentativa de tornar a mulher submissa ao gênero masculino.

Decursivo desses enunciados passa-se a produzir verdades sobre o que deve, e o que pode ser vivido pelo sujeito feminino, o que é legítimo e o que deve ser censurado. Nesses “jogos de verdades” produzem-se sujeitos, corpos e vivências licitas com o intuito de controlar a prática, por meio de uma lógica maniqueísta de bem e mal, certo e errado, salvação e inferno, sexo e amor. A Puta produzida nesses enunciados é reflexo dessa tensão dualista. Ao mesmo tempo em que sente prazer em sua ocupação, não o percebe como possibilidade inerente, pois ela entra na ordem do discurso familiar, cristão, médico, midiático, jurídico e subjetivo sobre sua atividade.

A prostituição, o sexo pago e a prostituta aparentam ocupar o mesmo *locus* discursivo. A eles são atribuídos uma espécie de cunho pejorativo de caráter duvidoso, sempre na tentativa de silenciar a vivência desse fenômeno. Esse fato foi evidenciado principalmente na relação que as participantes estabelecem entre a construção de seus corpos, de sua identidade e a dissociação desses a identidade da prostituta. Essas

profissionais são mulheres cultas, com elevado grau de instrução, blogueiras, *influencer* de moda, modelos, atrizes e etc. Elas reformulam as práticas discursivas e vivenciam certa autonomia em relação à imagem pejorativa da prostituta.

Sendo assim, ao propormos a compreensão desses enunciados e a explicitação da maneira que se produz a subjetividade da Puta, seus corpos e suas vivências, buscamos problematizar essa força que imputa as essas mulheres um papel marginal, onde não possuem direito algum de existência, mas existem, nas resistências, na tensão entre o que *Se É*, e o que *lhe é possível Ser*. Notamos a coexistência de dois enunciados principais. No primeiro, o poder não *lhe é* dado completamente, neste lugar a ela experiencia uma carga pejorativa, pecaminosa atribuída a sua vivencia sexual. E é nesse momento que a Puta encarna o papel de pecadora pelo discurso religioso, depreciativa pelos ditos familiares, perversa pelo discurso médico, criminosa pelos enunciados jurídicos, e culpada por si mesma, pela crença nesses discursos e escolha dessa ocupação.

Todavia, como o próprio Foucault nos lembra “os jogos de verdade e as relações de poder e saber se dão no âmbito da resistência, se não houver resistência, não há relações de poder. Porque seria uma simples relação de obediência.” E desta maneira que o segundo enunciado, ainda que em menor força, demonstra o empoderamento e a legitimidade da liberdade sexual feminina, é o lugar em que ela se percebe decidindo autonomamente sua ocupação, onde desempenha o papel da mulher dona de seus desejos, responsável pelo seu gozo, pela escolha de seus clientes, é a puta experiente, aquela que domina a teoria e a prática, que não se diminui e tão pouco se coloca num lugar marginalizado.

Consideramos a impossibilidade do esgotamento da temática ao mesmo tempo em que por questões metodológicas alguns direcionamentos para pesquisas futuras.

Desta maneira, utilizando novamente de Foucault e Torrano, compreende-se que “é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Logo, os discursos são os meios pelos quais se têm a possibilidade de estabelecer novas relações de poder, que possibilitem formas diversificadas de existências as putas, através das resistências, de processos criativos de mudança, de um re-fazer ativo de relações de poder.

REFERÊNCIAS

- Alves, F. L. (2012). A construção social do corpo feminino: um estudo a partir da prostituição feminina de luxo. *Revista TEL: história, relatos e representações*.
- Amauri, E. (2014) A vida financeira de uma prostituta. *Papo de Homem*.
- Araújo, L. B., Bandeira, M. C. L. & Silva, T. L. C. V. (2015). Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. *Revista Pegada* (16) 2.
- Araújo, M. D. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), 70-77.
- Ariente, M. A. (1989). O cotidiano da prostituta de São Paulo: estigma e contradição. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Católica de São Paulo.
- Aulete, J. C. (1974). *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta.
- Bacelar, J. A. (1982). *A família da prostituta*. São Paulo: Ática.
- Barreto, D. R. D. (2014) Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo. Dissertação – Mestrado em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Beleli, I. & Olivar, J. M. N. (2011) Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira. (In) Piscitelli, A., de Assis, O. & Olivar, M. N. (org). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero.
- Bento, B. (2011). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, n. 19.

- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Cardoso Jr, R. (2005). Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(3).
- Caregnato, R, C, A, & Mutti, R. (2006). Pesquisa Qualitativa: Análise De Discurso Versus Análise de Conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, 15(4): 679-84.
- Costa, D. B.; Silva, E. F.; Nascimento, J. U. (2009) O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida.
- Couto, V. R. (2011). Memórias na sombra, sombras da memória: a construção da zona e o nascimento da puta. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, 3(1).
- _____ (2012). Nem Eva, nem Santa, “eu nasci pra ser quenga”: marcas que rasgam vidas, dilaceram almas. XVIII Encontro Regional ANPUH – MG. *Gênero, poder e subjetividade na prostituição feminina de Pouso Alegre. MG (1969 – 1982)*. Mariana /MG.
- Dupla, S. A. (2016). Construções do imaginário religioso no culto a Inanna na Antiga Mesopotâmia: símbolos e metáforas de uma deusa multifacetada (3200-1600 aC).
- Ferreira, A. B. de H. (2010). *Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Fischer, R. M. B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo. N. 114 (nov. 2001), p. 197-223.
- Foucault, M. (1982). The subject and power. *Critical inquiry*, 8(4), 777-795.

- _____ (1995). A arqueologia do saber. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____ (1996). A ordem do discurso. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.
- _____ Galvão, M. E. (1999). Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).
- _____ (2004). Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France (1978-1979).
- _____ (2006). História da sexualidade I: a vontade de saber. 17 .ed. Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (2014). A Ordem Do Discurso. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 74p.
- Freitas, R. S. (1985). Bordel, bordeis: negociando identidades. Petrópolis, Vozes.
- Fimyar, O., & Veiga-Neto, A. J. D. (2009). Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 34, n. 2 (maio/ago. 2009), p. 35-56.
- Gaspar, M. D. (1984). Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A.
- Guimarães, R.M. (2007) Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas. Dissertação – Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto.
- Hirata, H. (2009). Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. Cadernos de crítica feminista.

- Houaiss, A. (2010). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Leite, G. (2009) *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lima, R. D. S. S., & Teixeira, I. S. (2009). Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. *Horizonte*, 6(12), 113-126.
- Marchi, C. (2016), Tutorial sobre o que significa ser Acompanhante de Luxo (Para as Meninas)- Leitura enquanto viagem para Porto Alegre!
- Mazzariol, R. (1976). *Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Mendes, C. L. (2006). O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, (39), 167-181.
- Mercuri, I. (2017), Acompanhante de luxo passa a ganhar R\$ 30 mil após largar carreira de advogada em MT.
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). *Quantitative and qualitative methods: opposition or complementarity?*. *Cadernos de saúde pública*, 9(3), 237-248.
- Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, M. Q. (2008). *Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil*. Dissertação – Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais.
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Paz e Terra, 1993.
- Perlongher, N. (1987). *O negócio do michê*. São Paulo, Brasiliense.

- Perrot, M. (1998). *Mulheres Públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora Unesp – Prismas.
- Pimentel, A., OLIVEIRA, I., & Araújo, L. S. (2009). Pesquisa qualitativa: aplicações em terapia ocupacional e psicologia. *Pesquisas qualitativas em terapia ocupacional*. Belém, Amazônia Editora, 25-38.
- Qualls-Corbett, N. (1990) *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. Tradução Isa F. Leal Ferreira. Revisão Ivo Storniolo. São Paulo: Edições Paulinas.
- Rago, M. (2008). *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ramalho, N. (2012). *Sex Work: Debating the discourses and practices of Social Workers. Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), (12), 64-91.
- Ranke-Heinemann, U. (1996). *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 4ª edição. FRÓES, P., trad.). Rio de Janeiro. Record: Rosa dos tempos.
- Rebolho, A. C. F. (2007). *Nas avenidas da libido. Prostituição em São Carlos: história oral temática das prostitutas são-carlenses*. São Carlos: Unicep, 2007.
- Ribeiro, F. M. V. (2011) *Casas de prostituição e o circuito sexual das prostitutas de luxo no Nordeste*. In: Congresso Luso – Afro – Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador.
- Roberts, N. (1998). *A prostituta na história*. São Paulo: Rosa dos Ventos.
- Rossiaud, J., & Sancho, C. S. (1991). *A prostituição na Idade Média*. Paz e Terra.
- Salles, A. C. T. D. C., & Ceccarelli, P. R. (2010). *A invenção da sexualidade*. *Reverso*, 32(60), 15-24.

- Silva, A.P., Blanchette, T. G. (2008) Amor um real por minuto. Artigo apresentado no Diálogo-Americano sobre Sexualidade e Geopolítica.
- Silva, K. A. T; Cappelle, M. C. A. (2017) O trabalho na prostituição de luxo: análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo Horizonte – MG. Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA. São Paulo.
- Silveira, F. D. A. (2008). Michel Foucault e a construção discursiva do corpo do sujeito moderno e sua relação com a psicologia. Psicologia em Estudo.
- Simmel, G. (2001). Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro. In Simmel, G. Filosofia do Amor. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- Ullmann, R. A. (2005). Amor e sexo na Grécia Antiga (Vol. 194). Edipucrs.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: PROSTITUIÇÃO, CORPO E ANÁLISE DO DISCURSO: a vida e mundo das prostitutas de luxo

As informações contidas nesta folha, fornecidas por Gabriela Natália Silva e Luci Regina Muzzetti têm por objetivo firmar acordo escrito com a voluntária para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela será submetida.

1. **Natureza da pesquisa:** Esta pesquisa tem como finalidades: Analisar de que maneira as prostitutas vivenciam sua atividade, explicitando os condicionantes para entrada e permanência na prostituição a luz de Pierre Bourdieu e da análise de discurso de Foucault.
2. **Participantes da pesquisa:** esta pesquisa será realizada com quatro mulheres na faixa etária de 18 a 35 anos que exerçam a prostituição como atividade principal de obtenção de renda e que atendam clientes de classe média alta.
3. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo você estará contribuindo para a compreensão do tema prostituição, tanto em nível científico, quanto em nível social. A compreensão de determinado fenômeno possibilita a redução de ideias e estereótipos a ele correlacionados. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que desejar poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do responsável pela pesquisa e se necessário por meio do telefone do coordenador do projeto.
4. **Sobre as coletas ou entrevistas:** As entrevistas serão realizadas por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada e um questionário socioeconômico, as mesmas agendadas juntamente com as participantes, de acordo com a disponibilidade das mesmas. As entrevistas serão realizadas em ambiente silencioso e estruturalmente preparado para realização das mesmas, com duração aproximada de 50 à 60 minutos.
5. **Riscos e Benefícios:** Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF. Todavia, poderá ocorrer constrangimento por parte das entrevistadas, haja vista, o tema abordar questões relacionadas a tabus em nossa sociedade. Para evitar o constrangimento das participantes será utilizado um roteiro de entrevista, onde estarão contidos os temas, não serão feitas perguntas de forma direta, falar-se-á de forma livre sobre

as temáticas ficando a critério das participantes a decisão de falar do que lhes sentirem a vontade. Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que devem acrescentar elementos relevantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

6. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados da voluntária serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.
7. **Pagamento:** Você não receberá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como, não receberá qualquer valor monetário para sua participação.
8. **Liberdade de recusar ou retirar o consentimento:** Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalidades.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, aceito participar deste estudo de forma voluntária. Compreendo também que em qualquer momento do estudo posso solicitar a retirada das informações concedidas por mim, sem prejuízo algum a minha pessoa. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo para fins acadêmicos.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

São Paulo, _____/_____/2017

Assinatura da Participante

Pesquisadora Responsável
Gabriela Natália Silva

Pesquisadora Responsável
Luci Regina Muzzetti

CONTATOS:

(11) 97373-0712 – Mda. Gabriela Natalia Silva – Aluna de Pós-graduação em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista – UNESP Fclar – email: toescrevendopragabi@gmail.com

(16) 9 Profa. Dra. Luci Regina Muzzetti Universidade Estadual Paulista – UNESP
Fclar, Núcleo de Pesquisa em Educação Sexual/NUSEX – email

APÊNDICE B – QUESTIONARIO SOCIOECONOMICO

Identificação: _____ **Idade:** _____

Raça: _____ **Moradia Própria:** () Sim () Não

Nacionalidade: _____ **Naturalidade:** _____

Nível de Escolaridade: () Nível Fundamental Incompleto () Nível Fundamental Completo () Nível Médio Incompleto () Nível Médio Completo () Nível Superior Incompleto () Nível Superior Completo

Como _____ **você** _____ **se** _____ **denomina:** _____

Tempo de Trabalho: () 0 à 6 meses () 6 meses à 12 meses
 () 12 à 24 meses () acima de 24 meses

Média de atendimentos por semana: () 1 à 3 atendimentos () 3 à 6 atendimentos
 () 6 à 9 atendimentos () Acima de 9 atendimentos

Faixa salarial mensal: () De R\$ 1000 à R\$ 1500 () De R\$ 1500 à R\$ 2000
 () De R\$ 2000 à R\$ 2500 () Acima dos valores mencionados

Número de pessoas na família nuclear: _____

Nível de Escolaridade do Pai: () Nível Fundamental Incompleto () Nível Fundamental Completo () Nível Médio Incompleto () Nível Médio Completo () Nível Superior Incompleto () Nível Superior Completo

Nível de Escolaridade da Mãe: () Nível Fundamental Incompleto () Nível Fundamental Completo () Nível Médio Incompleto () Nível Médio Completo () Nível Superior Incompleto () Nível Superior Completo

Faixa salarial da Família Nuclear: () de 1 à 3 salários mínimos
() de 3 à 6 salários mínimos () de 6 à 9 salários mínimos
() acima de 9 salários mínimos

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. **TEMA RELAÇÕES FAMILIARES** (Me conta um pouco sobre sua Família, como era (antes da prostituição) e como é (Hoje em dia) sua relação com sua família, pai, mãe e irmãos)
2. **TEMA QUESTÕES SOCIOECONOMICAS** (Me conta como vocês mantinham as despesas, quantas pessoas trabalhavam em sua casa)
3. **TEMA AFETOS** (Como e quando foi tua iniciação sexual – quando deixou de ser virgem, investigar o que é prazer pra ela, entender como ela sente prazer, direcionar a conversa para o subtema “relações amorosas”, investigar como lida com a profissão e com os relacionamentos – falar sobre os sentimentos que surgem durante a atividade, investigar se existe culpa, medo entre outros)
4. **TEMA TRABALHO** (Podes me dizer o que motivou a entrar na prostituição e qual fator a mantém nesse trabalho, O que significa ser (usar o termo que a pessoa se definir) pra ti? Como é tua rotina? Como tu consegues clientes, tu atendes ambos os sexos, o que mais e menos gosta nesse trabalho, existe alguma coisa nesse trabalho que te incomoda)
5. **TEMA EXPECTATIVAS DE VIDA** (perguntar o que ela planeja para o futuro, as perspectivas, se há planos de continuar ou sair da prostituição e o que ela faz para alcançar os objetivos que se propõem)